

Adriana Goreti de Oliveira Lopes

e-mail: adripsco@hotmail.com

Analista Junguiana – Membro da AJB, pelo Instituto Junguiano do Paraná

Membro da International Association for Analytical Psychology – IAAP- Zurique

Psicóloga Clínica CRP 08-10687PR

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional - UNIPAR

Mestre em Saúde Coletiva – UERJ

RELAÇÃO ANALÍTICA: ROMPENDO FRONTEIRAS ENTRA A PSIQUE OBJETIVA E A CONSCIÊNCIA

“Reconheci o que está diante dos vossos olhos,
E o que se encontra oculto vos será revelado”.

(Evangelho do Tomás¹)

Em 1935 Jung realiza uma Conferência na Associação de Medicina de Zurique, cujo conteúdo versou sobre a prática da psicoterapia. Ela encontra-se em seu livro com o próprio nome. Nele, o autor define psicoterapia, cita alguns princípios básicos, seus objetivos e problemas da atualidade, referentes a esta prática clínica. Define a análise Junguiana como um “tipo de procedimento dialético”², um “diálogo ou discussão entre duas pessoas”³ para que se produza novas sínteses.

Falando sobre a relação psicoterapêutica, Jung enfatiza: “A pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico”⁴, demonstrando assim, que é uma relação de troca, ou seja, uma relação dialética. Essa visão modificou a concepção inicial que compreendia todo tratamento psíquico como problema neurológico. Suas hipóteses foram baseadas em sua experiência clínica, no trabalho e observação de seus pacientes, e assim, colocou na figura do analista, não apenas uma função mais ativa, mas o tirou do papel de pretensa superioridade, de conselheiro, de perito, juiz, ou de expectador indiferente, mas a possibilidade de se acompanhar a solidão interior do paciente, até então incompreendida. E complementa: “(...) são normas para o processo dialético que a individualidade do doente tenha a mesma dignidade e o mesmo direito de existir que a do médico”⁵.

Se hoje existe um campo, em que é indispensável ser humilde e aceitar uma pluralidade de opiniões aparentemente contraditórias, esse campo é o da psicologia aplicada. Isto porque ainda estamos longe de conhecer a fundo o objeto mais nobre da ciência – a própria alma humana (§71)⁶.

¹ Disponível em: <<http://textosparareflexao.blogspot.com/2008/12/o-evangelho-de-tom-i.html>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

² JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI / 1 – Petrópolis: Vozes, 2011, (§1).

³ Idem (§1).

⁴ Idem (§1).

⁵ Idem (§11).

⁶ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**, §71.

Em uma conferência realizada em 1929, no Congresso da *Society of Public Health*, em Zurich⁷ Jung enfatiza que fatos pretéritos são importantes, mas a psicoterapia deveria propiciar uma mudança de atitude consciente do indivíduo. Publica sua conferência no relatório do Congresso da Sociedade Alemã de Psicoterapia, afirmando que “(...) as neuroses sejam distúrbios das funções psíquicas e, por isso, devam ser curadas, de preferência, por um tratamento psíquico”⁸. O ponto de discussão consistiu apenas quanto a estrutura das neuroses e dos princípios da terapia. Nessa misteriosa conjunção, nesta relação de troca entre os dois sistemas psíquicos, “(...) o diálogo analítico final entre médico e o paciente tem que incluir a personalidade do médico”⁹.

Mais que uma relação entre dois sistemas; Jung chega a comparar esta relação à uma ligação química que se estabelece entre estes dois sistemas psíquicos, e utiliza a expressão *coniunctio* para enfatizar a diferença e intensidade do fenômeno. Seria uma espécie de afinidade tão intensa que une uma matéria sutil e delicada, que vai muito além da matéria, unindo a “alma”, a “psique”, num movimento de atração de elementos inconscientes, mas de intensidade tamanha, que o autor afirma que seria uma espécie de “possessão”¹⁰. Essa ligação química; ou melhor, alquímica, necessita ser forte o suficiente para poder romper a projeção inicial, que até então ocorria naturalmente na direção das figuras parentais do paciente, uma vez compreendida que os conteúdos inconscientes primeiramente se manifestam sob a forma de projeção, podendo ser em pessoas ou condições objetivas.

Enfatizando o papel do método dialético para que se promova a transformação, Jung (2011) se refere ao termo “cura das neuroses”, trazendo o sentido de “transformação”, ou seja, o paciente deve ser conduzido a “tornar-se aquilo que de fato é e sempre foi”¹¹. Mas uma das maiores dificuldades que se deparou em seu trabalho, foi o de perceber que as realidades psíquicas fundamentais se alteram no decorrer da vida. Para ele “(...) quase podemos falar de uma psicologia do amanhecer e outra, do entardecer da vida”¹². Em “Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo”¹³, Jung discorre sobre o arquétipo da transformação, e afirma que há transformações naturais que, quer queiramos ou não; tendo consciência ou não, produzem efeitos consideráveis na psique. Trata-se de um longo processo de mudança interna, podendo ser anunciado em sonhos. “A própria natureza exige morte e renascimento”¹⁴. Assim, além destes processos de transformações naturais, há as vivências de transformação que são propiciadas por meios técnicos, e o processo psicoterapêutico pode ser uma das técnicas que promove a cura das neuroses, ou ainda leva o indivíduo a ser o que é em essência. No adulto jovem a neurose pode ser instalada em comportamentos de hesitação frente as decisões que lhe cabe tomar ou caminhos a serem seguidos; já, no “meio da vida” ou ao se deparar com o envelhecimento,

⁷ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI / 1 – Petrópolis: Vozes, 2011dem. Cap. III. Alguns aspectos da psicologia moderna. §53.

⁸ Idem. Cap. IV, **Objetivos de Psicoterapia**, § 66.

⁹ Idem, §10.

¹⁰ Jung, C. G. **A Psicologia da Transferência**, §371.

¹¹ Jung, C. G. **A Psicologia da Transferência**, §11.

¹² Idem; §75.

¹³ Jung, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**, 13. ed. Vol. 09/1 – Petrópolis: Vozes, 2011, §234.

¹⁴ Idem, §234.

ao sentir a diminuição de suas forças, pode desenvolver sua neurose querendo permanecer eternamente juvenil, preso às atitudes relativas àquela fase do desenvolvimento humano que já não tem mais razão de ser.

Assim como o jovem neurótico teme a vida, o velho recua diante da morte. A meta que outrora era normal para o jovem, torna-se um obstáculo neurótico para o velho, exatamente com a hesitação do jovem neurótico, que converte a sua dependência dos pais – originalmente normal – numa relação incestuosa, contrária à vida (§ 75)¹⁵.

Embora Jung enfatizasse, como acima descrito, o recuo do jovem frente à vida ou a do idoso ante à morte como um comportamento neurótico, acredito que tais comportamentos possam ser considerados naturais, uma “condição de normalidade” pois, a psique projeta como o corpo respira, e, frente ao desconhecido, ao novo, pode ocorrer o medo. Devemos observar a frequência e intensidade que tais temores se apresentem. Caso caracterize a paralisação total ou parcial da pessoa ou da energia psíquica, aí sim, esta estagnação poderá ser considerada neurótica.

Jung postula a prática da psicoterapia como um método científico, e para tal buscou certa normatização. Cita alguns “indicadores” a serem observados quanto aos seus objetivos. Esse procedimento é apenas um “alerta para os perigos da unilateralidade”¹⁶, pois para ele, a psique humana é ambígua e cada caso deve ser tratado distintamente, e particularmente em sua prática, deixa sua experiência direcioná-lo. Para o autor, apenas a psique é, simultaneamente sujeito e objeto do conhecimento.

O ego do analista também interfere no processo, tanto no sentido de permitir a transformação do paciente, quanto no sentido de impedir o próprio processo de transformação, mas o analista não tem como evitar a contaminação dos conteúdos inconscientes emanados no *temenos*, e esta estrutura – o ego- torna-se de vital importância para diferenciar os conteúdos do paciente dos seus próprios.

O ego é o ponto de partida para tudo. Um dos objetivos do processo de vida, do processo natural de vida, bem como do processo de análise, é o desenvolvimento do ego. Não há como passar por análise de verdade, por uma confrontação efetiva com o inconsciente, a não ser que se tenha um ego vigoroso, respeitável e ético¹⁷.

Jung relata que apenas a psique é, simultaneamente sujeito e objeto do conhecimento. Assim, enfatiza a necessidade de o analista também passar por sua análise pessoal, para que esteja mais articulado com seus conteúdos psíquicos, pois “um psicoterapeuta neurótico tratará infalivelmente de sua própria neurose no paciente”¹⁸, necessitando ainda, da “diferenciação moral da personalidade do médico”, sendo este um requisito tão importante quanto qualquer outro. Assim, a prática psicoterápica ‘torna-se “uma profissão difícil e perigosa (...) [pois] o psicoterapeuta está arriscado a contrair infecções psíquicas, não menos perigosas”¹⁹ que as infecções físicas que outros profissionais da área de saúde estão expostos. E pode privar o processo do seu efeito

¹⁵ Jung, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. 16/1 – Petrópolis: Vozes, 2011, §75.

¹⁶ Jung, C. G. **A Prática da Psicoterapia**, §80.

¹⁷ Edinger, Edward F. **Ciência da Alma**: uma perspectiva junguiana. ed. Paulus, 2004.

¹⁸ Jung, C. G. **A Prática da Psicoterapia**, §23.

¹⁹ Idem, §23.

terapêutico. Esta compreensão realmente pode ser uma das grandes contribuições pessoais de Jung para a psicologia vigente, uma vez que naquele período muitos estudiosos compreendiam os processos psíquicos como neurológicos.

Pelo fato de debruçar-se com interesse, compreensão e solicitude sobre o sofrimento psíquico do paciente, o médico fica exposto aos conteúdos do inconsciente que o oprimem e conseqüentemente à ação indutiva dos mesmos. Começa a ‘preocupar-se’ com o caso. (...) O que ocorre na realidade é que tais sentimentos pessoais- no caso manifestado intensamente- são regidos por aqueles conteúdos inconscientes ativados (...). Médico e paciente encontram-se assim numa relação fundada na inconsciência mútua (§ 364)²⁰.

Jung (2011) nos adverte que o instrumento ideal para que o analista possa suportar a carga dos conteúdos inconscientes do paciente, projetados no analista é a “*persona medici*”, ou seja, a persona do analista, que o protege, promovendo o conhecimento prévio sobre estes fenômenos “normais” e até esperados, para que possa instrumentalizar e direcionar o processo, tornando-se uma possibilidade terapêutica que estão associados ao trabalho de analista e são requisitos apreciados para promoção da transformação do paciente. E é aqui que cabe a frase do Evangelho de Tomás, colocada para abertura deste capítulo: “reconhecerei o que está diante dos vossos olhos, e o que se encontra oculto vos será revelado”. E revelado por meio da tradução, ou compreensão consciente dos conteúdos a ele depositados, constelados na análise. Jung afirma que “a única maneira possível de tratá-los (os conteúdos inconscientes) na prática consiste em assumir uma atitude consciente que permita a cooperação do inconsciente em vez de oposição”²¹ E, para tanto,

O trabalho analítico conduzirá mais cedo ou mais tarde ao confronto inevitável entre o eu e o tu, e o tu e o eu, muito além de qualquer pretexto humano; assim pois, é provável e mesmo necessário que tanto o paciente quanto o médico sintam o problema na própria pele. Ninguém mexe com o fogo ou o veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo” (§05)²².

O processo analítico propicia a aceitação de si, e a compreensão dos diferentes significados e sentidos, nas diferentes faixas etárias, e assim, como nas palavras de Leonardo Boff²³, possa “permitir que o arquétipo faça seu percurso”, consentindo a transformação necessária à tomada de consciência. Em seu trabalho “Psicologia e Alquimia”, escrito em 1944, Jung ilustra o processo de individuação, com as imagens alquímicas, que facilmente podem ser observados no processo da psicoterapia, facilitando assim olhar para aquilo que as palavras tinham dificuldade de exprimir. Para Jung o alquimista conseguiu traduzir em imagens inteligíveis o que os conceitos filosóficos tinham dificuldade de expressar. Ele percebeu que não ocorrerá processo alquímico se não houver estagnação, correspondendo a uma fase a qual denominou *nigredo*, o caos inicial do processo. Assim, concluiu que é preciso “encalhar”, viver a estagnação e

²⁰ Jung, C. G. **A Prática da Psicoterapia**, §23.

²¹ JUNG, C. G. **Psicologia da Transferência**, §366.

²² JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. 13. ed. Vol. 12 – Petrópolis: Vozes, 2011, §05.

²³ Leonardo Boff *in*: Roda de diálogo sobre “**A Crise Contemporânea e as transformações na Psique, no Comunitário, no Ecológico e no Espiritual**”. UFPR, 24 de Junho de 2015.

compreendeu que “ficar estagnado é um processo psíquico”²⁴ típico, em que o inconsciente pode reagir, por exemplo, na forma de sonhos. Von Franz (2002), complementando esta linha de raciocínio explica que “os sonhos nos indicam onde se encontra nossa energia e para onde ela quer ir”²⁵. Jung utilizou os sonhos como elementos disparadores de imagens e temas para uma profunda reflexão entre ele o paciente, a fim de perceber a direção que o inconsciente indicaria, e assim liberando a energia psíquica, até então “encalhada”. Para tanto, enfatiza que, para que o analista possa trabalhar com o material onírico, destaca a necessidade deste, adquirir conhecimentos da psicologia primitiva, da mitologia, da arqueologia e história das religiões comparadas, para um estudo adequado, enriquecendo as associações dos pacientes²⁶. Assim Jung (2011) encorajava seus pacientes a usarem a fantasia, pois acreditava que esta seria uma “expressão direta da energia psíquica”²⁷, também em atividades como pintura, colocando em imagens o que viram nos sonhos. Dessa forma, o paciente sai da postura passiva, tornando-se ativo em seu processo, se obrigando a olhar todos os detalhes das imagens, que “são formas arcaicas de expressão que se transformaram em símbolos que, por sua vez, se apresentam como equivalentes de objetos relativamente desvalorizados”²⁸ e tornando-se independente em sua criatividade. “O que pinta são fantasias ativas, aquilo que está mobilizando dentro de si”²⁹. O passo a seguir será a compreensão sintética, intelectual e emocional das imagens, integrando-as à consciência.

O esforço do médico, bem como a busca do paciente, perseguem esse ‘homem total’ oculto e ainda não manifesto, que é também o homem mais amplo e futuro. No entanto, o caminho correto que leva a totalidade é infelizmente feito de desvios e extravios do destino. Trata-se da ‘longuíssima via’, que não é uma reta, mas uma linha que serpenteia, unindo os opostos à maneira do caduceu, senda cujos meandros labirínticos não nos poupam do terror (§ 06)³⁰.

Jung, buscando revelar as profundas transformações que a alma humana sofre no decorrer da vida e que podem ser “aceleradas” no contexto de análise, procurou uma interpretação psicológica que evidenciasse a autonomia dos arquétipos “atrás dos bastidores da consciência”³¹. Procurou nos dar uma ideia do processo simbólico e tomou como exemplo notável, as séries de imagens alquímicas como imagens para as transformações que ocorrem na psique, no processo de análise. Ele percebeu que “o inconsciente se transforma ou provoca transformações”³². E, juntamente aos problemas religiosos, procurou encontrar na obra alquimista, analogias para este processo. E, nas palavras de Jung, “a arte requer o homem inteiro”³³, referindo-se ao alquimista e o mesmo

²⁴ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. 16/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. §85.

²⁵ Von FRANZ, M. L. **O Caminho dos Sonhos**. 4 ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2002, p. 214.

²⁶ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. 16/1 – Petrópolis: Vozes, 2011, §96.

²⁷ Idem, §810.

²⁸ JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. 13. ed. Vol. 09/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. § 449.

²⁹ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. 16/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. § Idem, §106.

³⁰ JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. 13. ed. Vol. 12 – Petrópolis: Vozes, 2011, §06.

³¹ JUNG, C. G. **A Vida Simbólica**. §1686.

³² JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. 21 ed. Botafogo, RJ: Nova Fronteira, 2001, p. 184.

³³ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. §400.

pode ser dito quanto ao analista, que necessita estar por inteiro no *setting terapêutico*, com suas funções, consciente e inconscientemente, cooperando para que a meta seja atingida, o *opus* completado.

Na alquimia o principal elemento químico conhecido, e que deve ser trabalhado e transformado pelo alquimista é o Mercúrio; assim, este foi o símbolo fundamental que Jung se utilizou para exprimir o sentido de transformação. Mercúrio representa a *prima matéria*, ou seja, “a substancia transformadora propriamente dita”³⁴. Também se pode observar, por analogia, a primeira gravura do Rosarium Philosophorum, datado de 1550, e intitulada “A Fonte de Mercúrio” como imagem para o início do processo de análise; período este, que reflete aquele estado de *nigredo* ou confusão mental e escuridão em que os opostos se colidem mutuamente e ainda o momento da criação do vínculo terapêutico, muito importante para que se adquira confiança e empatia - base para o todo o processo posterior.



Fig. 02- A Fonte de Mercúrio. Rosarium Philosophorum, primeira prancha.

Esta figura esboça o método e a filosofia alquímica, cuja procedência é a psique inconsciente; uma forma de projeção inconsciente. É o fundamento do *opus*, ou seja, a meta analítica, o trabalho, o produto final da alquimia. O *opus* dá sentido à vida. A fonte de Mercúrio é uma quaternidade quadrada, determinada pelas quatro estrelas nos cantos, que significam os quatro elementos, a seguir: água, terra, fogo e ar. A quinta estrela no centro representa a “quinta essência” ou quintessência, demonstrando assim a união, símbolo da unidade dos quatro elementos, distintos entre si, que ao se unirem criam um quinto elemento. A cisterna é o vaso hermético; o *lócus* onde a transformação se opera, ou ainda o *temenos* analítico. Pode ser reconhecido como útero, o local da geração. Ela apresenta forma circular, sendo considerada a matriz da forma perfeita, onde o quadrado necessita ser transformado. Podemos observar seis estrelas na borda externa da fonte que, juntamente com o Mercúrio, representam os sete planetas ou os sete metais. Como Mercúrio apresenta natureza feminina, pode-se dizer que é pai e mãe de si mesmo e não apenas dos seis metais, uma vez que ele contém e também está contido neles. O Mercúrio é o pai dos metais. A serpente cindida ou bicéfala representa a natureza dupla de Mercúrio, é simbólica (junta as substâncias) e diabólica (separa-as). Na análise também encontramos estes dois momentos: o *solve* e o *coagula*, significando aqueles momentos de aridez, de *secura* em que o analista necessita hidratar a alma e, nos instantes de dissolução em que o paciente se dilui na vida e no contexto, necessita ser “coagulado”, centrado, contido.

³⁴ JUNG, C. G. **A Vida Simbólica**. §1701.

Os procedimentos da primeira fase do processo, tem como objetivo a iluminação da *nigredo* inicial para que de início e possa surgir o *albedo*, ou seja, o nascer do sol e ampliação de consciência. Mas este branco é ainda destituído de alma, é a “eliminação da escuridão por meio da união dos elementos”³⁵. Essa estrutura ilustra também a tetrameria, já conhecida na Grécia antiga, que nada mais é do que a representação de uma estrutura quadripartida. Inicia com quatro elementos separados (estado do caos, semelhante ao momento que o indivíduo resolve buscar a análise), sobe (movimento de ascensão ou *anabásis*, o arquétipo da subida) em direção aos três modos de manifestação de Mercúrio (o mineral – inorgânico; o vegetal - orgânico e o animal - anímico), atingindo a forma de sol e *luna* sob a forma dos metais preciosos como o ouro e a prata (a dualidade), e, finalmente a quintessência, a unidade, a pedra filosofal. “Essa passagem progressiva do quatro para o três, para o dois e o um, constitui o que se chama o Axioma de Maria e é sob diversas formas em toda alquimia”³⁶.

Psicologicamente o quatro representa o estado plural do homem que ainda não alcançou a unidade, momento de confusão, de *nigredo*, que o leva a buscar o processo analítico, e pode ser demonstrado nas quatro direções opostas entre si, inimigos umas das outras. É um estado de ausência de liberdade, uma desunião consigo mesmo, aspirando à unificação, à reconciliação, à redenção, à cura ou almejando tornar-se uma totalidade.

A tríade surge como masculina, uma expressão ativa representada alquimicamente pela ação do jorrar da fonte. Corresponde à necessidade, expressa no desejo, no instinto, à agressividade e a decisão da vontade. A díade aparece como o elemento feminino, passivo, receptivo, feito para conceber ou ainda a substância a ser formada, dar forma, fecundar. Psicologicamente é a reação do sistema psíquico ao estímulo da consciência e necessita superar todas as resistências como a preguiça e assim originar a ação, única maneira de se chegar a totalidade.

Muito embora não fique claro na imagem, Jung enfatiza que “a água da fonte mercurial sobe da cisterna e nela retomba, descrevendo, portanto, um circuito fechado”³⁷, podendo pensar também no arquétipo da descida, a *Katábasis*. E o autor complementa a ideia, expondo ser esta a principal propriedade de Mercúrio que, como uroboros, a serpente que morde a própria cauda, se mata, se devora e se faz nascer de novo. A Fonte de Mercúrio é o início do processo de análise, o primeiro estágio do processo psicoterápico, ou seja, a preliminar para que se chegue à confissão. É o local onde as coisas nascem e, simultaneamente, o ponto onde as coisas devem morrer. Um movimento urobórico de subida e descida constantes até que se atinja a unidade, a individuação, o opus alquímico da alma humana.

Após o movimento psíquico propiciado pela “Fonte de Mercúrio”, inicia-se o momento do procedimento analítico denominado por Jung de Confissão, pois se origina neste modelo do Sacramento, em que, conteúdos reprimidos e/ou recalcados do paciente são semelhantes aos pecados e, como tal, necessitam ser confessados.

Os conteúdos inconscientes provocam efeitos na consciência, indo desde as formas mais suaves de neurose - como atos falhos e/ou pequenos esquecimentos - até

³⁵ JUNG, C. G. **A Vida Simbólica**. §1701.

³⁶ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Vol. XVI/2. §404.

³⁷ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Vol. XVI/2, §409.

movimentos desastrosos ou imprevisíveis, capazes de provocar ferimentos ou interpretação errônea de coisas ouvidas ou lidas. Assim, segundo Jung, “um segredo inconsciente, prejudica mais do que um segredo consciente”³⁸. Quando se sabe, se tem consciência de conteúdos ocultos, a consequência é menor; pois, caso contrário, nos segredos inconscientes, os conteúdos vivenciados desta forma, separam-se da consciência na forma de um complexo autônomo, tornando-se também autônomos pois não podem ser corrigidos ou reparados pela consciência.

A “Verdade nua e crua” precisa primeiramente ser reconhecida pela pessoa, para que se possa ser integrada. É necessário perceber a existência de elementos sombrios que há em cada um de nós, deixando de ser projetados em pessoas e objetos externos, e o Rosarium Philosophorum apresenta uma imagem para ilustrar tal situação.



Fig. 03 - A Verdade Nua e Crua. Rosarium Philosophorum, prancha 03.

Neste momento do processo psicoterápico, podemos observar que há o início da diferenciação dos opostos, e na imagem, o rei e a rainha encontram-se despidos para evidenciar tal discriminação. O Opus não exige apenas qualidades intelectuais ou conhecimentos técnicos do analista, vai além de psíquico; necessita de uma “postura moral”³⁹ frente ao inconsciente. Psicologicamente há o confronto direto com a realidade, sem máscaras, e o homem se mostra tal como é, sem preocupar-se com convenções, revelando o que anteriormente estava oculto, ou seja, sua sombra reprimida.

Reconhecer a sombra é uma questão de humildade, pois, ao tomar consciência de sua capacidade, o homem adquire a possibilidade de lidar com os impulsos agressivos e destrutivos que ainda tem, e pode assim transformá-los. “Quanto menor o discernimento a respeito, tanto maior a atração e o fascínio que ela exerce”⁴⁰. Assim, ao perceber estes conteúdos sombrios há muito esquecidos pelos porões da psique, sob o véu da negação, o homem reduz a cisão, e deixa o estado de dualidade, reestruturando-se em um ser inteiro, uma unidade, mesmo que o conflito permaneça. É uma oportunidade para que haja a retirada das projeções e a integração destes conteúdos na personalidade consciente. Para Jung, “(...) quem conhece sua sombra sabe que não é inofensivo, porque é através

³⁸ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**, §128.

³⁹ Termo de Jung para demonstrar que o trabalho analítico requer a totalidade da psique do analista, seus aspectos conscientes e inconscientes.

⁴⁰ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**, §452.

dela que que a psique arcaica e todo o mundo arquetípico entram em contato direto com a consciência, impregnando-a de influencias arcaicas”⁴¹.

Ao tornar-se consciente, a sombra é integrada ao eu, o que faz com que se opere uma aproximação à totalidade. *A totalidade não é a perfeição, mas sim o ser completo.* Pela assimilação da sombra o homem como que assume seu corpo, o que traz para o foco da consciência toda sua esfera animal dos instintos, bem como a psique primitiva ou arcaica, que assim não se deixam mais reprimir por meio de ficções e ilusões⁴².

Tratando-se da sombra, Jung enfatiza: “árvore nenhuma, sabemos, cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno. O duplo movimento é inerente à natureza do pendulo”⁴³.

Jung acreditava que a confissão propicia ao indivíduo o sentimento e a sensação de ser mais humano. Promove a retomada dos conteúdos reprimidos e/ ou esquecidos (a catarse) e o contato com a sombra, o que por si só já é um benefício, pois a tira do “exílio moral”⁴⁴ que se encontrava anteriormente. Posteriormente, em 1945, o próprio Jung destitui a sombra de seu caráter de moralidade e em seu texto intitulado “A Psicologia da Transferência”, trata a sombra de forma mais dinâmica, ou seja, afirma que os conteúdos inconscientes sempre se manifestam de forma projetada, nas relações com pessoas e/ou objetos externos e condições objetivas. E, em “Arquétipos e o Inconsciente Coletivo”, ele afirma que, pela proximidade da consciência, esta estrutura, é o primeiro aspecto da personalidade a se manifestar no processo psicoterapêutico, no início do processo de individuação⁴⁵.

Dir-me-ão que o médico, nesta perspectiva, pode facilmente ser compreensivo. Mas nós nos esquecemos de que entre os médicos também existem naturezas morais e que entre as confissões dos pacientes há algumas que o médico também tem certa dificuldade em digerir. E, no entanto, o interlocutor não se sentirá aceito enquanto não for admitido aquilo que há de mais sombrio nele. Ora, nessa aceitação não se trata apenas de palavras, e ela se pode chegar em função da mentalidade de cada um que se adota no confronto consigo próprio e com seu lado sombrio. Se o médico quer conduzir a alma de alguém, ou mesmo somente acompanha-la, é preciso, pelo menos, que esteja em contato com ela. Este contato, entretanto, não se estabelecerá enquanto o médico mantiver uma atitude de condenação no que diz respeito a pessoa que lhe foi confiada (§519)⁴⁶.

O segundo estágio do processo analítico, descrita didaticamente por Jung como “*esclarecimento ou elucidação*” é um momento em que o analista, como o próprio nome já diz, necessita *esclarecer* ao paciente quanto as fixações que possam surgir após a confissão, mas que, na prática, pode estar presente no contexto de análise ou em qualquer momento que se fizer necessário. Sem a tomada de consciência, o paciente pode se unir,

⁴¹ Idem, §452.

⁴² JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Vol. XVI/2. §452, p. 125.

⁴³ JUNG, C. G. **Aion**. Vol. 9/2, §78.

⁴⁴ Idem, §134.

⁴⁵ JUNG, C. G. **Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol. 9/1, §486.

⁴⁶ JUNG, C. G. **Escritos Diversos**. Vol. 11/6.

tanto à figura do analista, quanto a si mesmo, em seu próprio inconsciente, numa espécie de fusão. Trata-se de um novo sintoma, desencadeado pelo processo. É como se o inconsciente do paciente quisesse “restabelecer a situação familiar infantil, já que, depois de tanto tempo, o pai desaparecido fosse finalmente encontrado”⁴⁷. É o fenômeno conhecido como “transferência”, que traz à tona conteúdos (fantasias incestuosas), que jamais viriam à consciência de outra forma. “Aquilo que o paciente transfere para o médico tem que ser interpretado, isto é, deve ser esclarecido”⁴⁸. A ideia da *coniunctio* foi utilizado por Jung, que, ao escrever este tema, e curiosamente dedica este trabalho à sua esposa Emma, o feminino de sua vida; aquela que externamente se uniu em matrimônio, numa *coniunctio* física, prefigurando sua *coniunctio* interna, como um arquétipo para a união dos opostos, tornando-se uma imagem da união mística.

Mas a luz que o esclarecimento deve proporcionar ao paciente, deve ser de tal forma que, se fraco, não será capaz de iluminar a consciência provocando um insight, e se forte, a luz pode cegar, obnubilar e impedir o processo, ofuscando o indivíduo. Alquimicamente podemos observar a união do “Rei e da Rainha”, o noivo e a noiva, do masculino e do feminino, como suprema união dos opostos que ilustra este momento analítico. Surge então outra imagem do Rosarium Philosophorum: “O Rei e a Rainha”. Eles se aproximam para celebrar as bodas, o casamento sagrado, e ainda “são figuras coletivas, comuns a um grande número de pessoas”⁴⁹.

A análise da transferência pode ser vista como matéria-prima para o processo de individuação, uma vez que se torna uma oportunidade para a compreensão dos conteúdos projetados e, ainda, promover a integração dos conteúdos dissociados. Simbolicamente representa a identificação da consciência com os conteúdos inconscientes.



Fig.04 - O Rei e a Rainha. R. F. Prancha 02



Fig. 05 - Detalhe, enfatizando relação da transferência

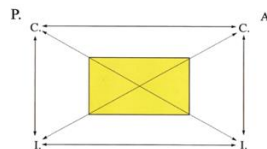


Fig. 06 - Diagrama de Jung para as relações de Transferência

Para Jung, o núcleo da transferência é o vínculo humano, e é justamente isso que se pode observar nesta gravura. Para ele “a totalidade consiste em uma combinação do eu

⁴⁷ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. 16/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. §139.

⁴⁸ Idem, §144.

⁴⁹ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Vol. XVI/2. §421.

e do tu, ambos se manifestando como partes de uma unidade transcendente, cuja natureza só pode ser aprendida simbolicamente”⁵⁰.

A quarta imagem do Rosarium Philosophorum nos apresenta um novo elemento que não pode ser ignorado nesta fase do processo, ou seja, acrescenta ao processo de transferência o tema: O Banho. O rei, correspondendo ao espírito (sem alma); a rainha representando o corpo; e o elemento de união, o *vinculum* unificador entre ambos é o amor, ou seja, a alma, que os une e os mantém unidos; é o laço do amor, representada pela pomba vinda de cima e da água, vinda de baixo. Mercúrio representando a psique inconsciente.



Fig. 07- A Imersão no Banho. R. F. Prancha 04

Jung, parafraseando Frobenius⁵¹: “a imersão na água é uma espécie de travessia noturna no mar”, que corresponde ao processo da *solutio* na alquimia. É uma descida aos infernos, ao Hades ou ao país dos espíritos. É a imagem para o mundo que fica além da consciência, o momento da descida ao inconsciente, correspondendo à tomada de consciência das fantasias sexuais e do próprio processo de transferência. Surge neste momento uma ambivalência: Por um lado a fonte de banho é inofensiva, mas por outro há uma invasão perigosa do “mar”, ou seja, do inconsciente. É o despertar do espírito das profundezas, a *solutio* proporcionada na inundação pode propiciar a dissolução ou resolução de problemas, uma volta ao obscuro estado originário, ao líquido amniótico do útero grávido.

Em uma conferência pronunciada em 5 de outubro de 1941, Jung, por ocasião do 400º aniversário de morte de Paracelso⁵², fala também sobre a “A luz da escuridão”. Para ele, assim como o sol da verdade revelada, havia “uma luz escondida na escuridão”, uma centelha divina que é a própria transformação, capaz de unir e integrar os opostos: o símbolo, que permite a visualização do processo.

Se o encontro com a sombra é obra do aprendiz, o confronto com a anima é a obra-prima. A relação com a anima é outro teste de coragem, uma prova de fogo para as forças espirituais e morais do homem. Jamais devemos esquecer que, em se tratando da anima, estamos lidando com realidades psíquicas, as quais até então nunca foram apropriadas pelo homem, uma vez que se mantinham fora de seu âmbito psíquico, sob a forma de projeções. Para o filho, a anima oculta-se no poder dominador da mãe e a ligação sentimental com ela dura as vezes a vida inteira (...). Para o homem da Antiguidade a anima aparece sob forma de deusa ou

⁵⁰ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Vol. XVI/2. § 454.

⁵¹ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. §455.

⁵² JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. 13. ed. Vol. 13 – Petrópolis: Vozes, 2011. §197 a 199.

bruxa; por outro lado o homem medieval substituiu a deusa pela Rainha do Céu e pela Mãe Igreja. O mundo despido de símbolos do protestante produziu, antes de mais nada, um sentimentalismo mórbido, agravando o conflito moral que, por ser insuportável, conduziu logicamente ao ‘além do bem e do mal’ de Nietzsche. Nos centros civilizados este estado de coisas manifesta-se na crescente instabilidade dos casamentos (...), o que prova que a alma se encontra preferivelmente na projeção no sexo oposto, o que ocasiona relacionamentos magicamente complicados (§ 61)⁵³.

Após adquirir discernimento e a interpretação da transferência, vem o que Jung denomina o terceiro estágio, ou seja, o momento da *educação para o ser social*, para que a pessoa possa se adaptar como um ser humano e se expressar como um homem total, capaz de tornar-se o que ele é em essência, ajustado à sociedade.

Finalmente chegamos à última fase do processo analítico, ou seja, a da *transformação*. O sentido que Jung usa para este termo é o de que se deva levar em consideração “a necessidade da alma que passou despercebida nas fases anteriores”⁵⁴. É como se a educação da fase anterior levasse o próprio analista à autoeducação, completando assim o processo. O analista precisa estar consciente da necessidade do seu trabalho para a cura de suas feridas pessoais como “Quíron, o curador ferido”⁵⁵, e Jung conclui:

A quarta etapa da psicologia analítica exige, portanto, que se reaplique no próprio médico o sistema em que se acredita, seja ele qual for. (...) como alguém pode educar, se ele mesmo não foi educado, como pode esclarecer, quando está no escuro no que diz respeito a si mesmo, e como purificará, se ainda é impuro? (§168 e 169)⁵⁶.

Segundo Groesbeck (1983), para que uma cura verdadeira possa acontecer, o paciente deve conectar com o seu "médico interior" e dele receber ajuda; assim como antídoto é extraído do próprio veneno. E, no contexto analítico, isso ocorre quando o paciente for capaz de retirar as projeções depositadas na pessoa do analista. É imprescindível que o analista também entre em contato com o seu próprio lado ferido⁵⁷ para que haja a transformação.

Assim tanto nos contos de Fada quanto no contexto clínico, toda transformação é precedida de morte. Na sexta prancha alquímica do Rosarium Philosophorum, podemos visualizar este momento. Na ocasião, ocorre uma inversão de polaridade e o início da disjunção. O que anteriormente era um vaso hermético, uma fonte e um mar propiciador de vida, agora torna-se sarcófago, e sepultura que contém a morte, o *mortificatio*, *interfectio*, o *putrefatio*, *combustio*, *incineratio*, *calcinatio*, entre outros. Nesta imagem o

⁵³ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. §61.

⁵⁴ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. 16/1 – Petrópolis: Vozes, 2011, §161.

⁵⁵ GROESBECK, C. J. A Imagem Arquetípica do Médico Ferido. **Revista Junguiana**, São Paulo, v.1, p.72-96, 1983.

⁵⁶ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. §168 e 169.

⁵⁷ GROESBECK, C. J. A Imagem Arquetípica do Médico Ferido. **Revista Junguiana**, São Paulo, v.1, p. .79, 1983.

casal está morto. Seus corpos se fundiram em “uma só carne”, mas se apresentam bicéfalos.

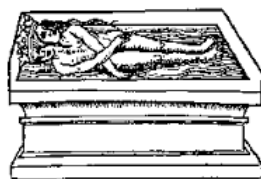


Fig. 08 - A Morte. R. F. Prancha 06.

“Depois da festa da vida vem o lamento da morte”⁵⁸, ou seja, após a *coniunctio oppositorum*, segue-se uma estagnação semelhante a morte. Cessa toda a energia para que possa ocorrer a decomposição de estruturas que anteriormente se mostravam vivas e atuantes. Esta gravura também é denominada “*conceptio*”, ou seja, “concepção” e Jung afirma que “a destruição de um é a geração de outro”. Este processo de estagnação é um estágio intermediário que facultará o surgimento de uma vida nova. Os alquimistas acreditam que para que nasça algo novo, necessário primeiramente, que morra o velho e citam como exemplos como a semente, que necessita morrer para germinar e o ovo, que primeiramente apodrece para depois formar o animal vivo, após a total deterioração.

Morte tem o significado do mais profundo mergulho no inconsciente e da volta da consciência ao uroboros inicial, momento do retorno do ego transformado ao Self, comparado ao “retorno à casa do pai”, como na Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32). Na fase anterior, a *coniunctio*, houve a união de duas figuras antagônicas: o rei e a rainha em cada um de nós, um “envolvimento”. Eles representam o *princípio do dia*, da consciência luminosa e esta outra fase, a *luz noturna*, ou seja, o inconsciente. Esta relação simbólica tem por meta a individuação, e assim podemos pensar na palavra “desenvolvimento”, como um “des”, no sentido de oposição ao “envolvimento” inicial, à identificação inicial, urobórica do Self, e esta vivencia de des identificar-se gera um sentimento de morte e abandono para o ego.

Para Campbell (1990), “os símbolos não traduzem a experiência, apenas a sugerem”, ou seja, a linguagem simbólica seria um “*opus contra naturam*”, ou seja, uma obra contra a natureza. Jung revela que “é contra a natureza cometer um incesto e é contra a natureza não seguir uma forte atração”. A *morte* pode ser interpretada como uma espécie de castigo pelo incesto cometido. No sentido psicológico, o incesto é a união consigo mesmo, compreendido como individuação ou autocontrole. Pode-se ficar preso à “culpa do pecado original”, sentindo-se culpado por estar consigo mesmo. Neste momento, o que importa é, que, na culpa, há a ‘necessidade’ de transformação, já não dá mais para ficar como era antes.

A base do opus constitui, no difícil conflito estabelecido entre o choque com a *anima e o animus*. Assim, o objetivo deste, é o desenvolvimento da consciência, e para tanto, necessário se faz a tomada de consciência dos conteúdos anteriormente projetados, que propicia tanto conhecimento de si quanto conhecimento do outro. Uma vez integrado as projeções, a personalidade se amplia e pode haver uma inflação positiva ou negativa. Positivamente a inflação pode assumir características de megalomania e, negativamente

⁵⁸ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Vol. XVI/2. § 467.

pode resultar no que Jung denominou “aniquilamento do eu” e pode ocorrer uma alternância destes estados, mas, de qualquer forma, os conteúdos que sempre foram inconscientes podem provocar graves lesões no eu ao serem integrados e/ou assimilados pela consciência e sempre foram simbolicamente representados pela alquimia como morte, envenenamento ou ferimento.

Procurando sintetizar este complexo processo da união da consciência com o inconsciente, personificado pela alma, gerando uma nova personalidade e formando uma unidade ou “um só corpo” que contém e está contido nestes elementos, transcendendo a consciência e, a partir de então pode ser definida como *si-mesmo*, como símbolo unificador. Para Jung a integração do *si-mesmo* é um problema esperado apenas para a segunda metade da vida.

Após a morte, para que se atinja a transformação, cito a sétima prancha alquímica do Rosarium Philosophorum, intitulada “Ascensão da alma”. Conste aqui, o arquétipo da subida, da ascensão ou também conhecido como *anabásis*, encontrado em contos, mitos ou textos religiosos. Nesta imagem ainda continua o processo de *putrefactio*, período que ocorre a extração da alma do corpo e, conseqüentemente a reintegração. Neste momento a relação transferencial torna-se de vital importância, pois é um período de obscura de desorientação, e desagregação dos elementos que, conseqüentemente, pode levar a uma dissolução da consciência.



Fig. 09: Ascensão da alma. R. F. Prancha 07

Torna-se o momento mais difícil do tratamento analítico, uma prova de paciência e coragem tanto para o analista como para o analisando. Este estágio pode perdurar por longo tempo, propiciando a sensação de estar à deriva, de ter perdido o rumo ou a direção, próprios de quem se sente sem alma e a mercê dos afetos e fantasias. São João da Cruz em seu poema intitulado “Noite Escura da Alma”, narra o que ele denomina “a jornada da alma”, denominando-a “Noite Escura”, para representar as dificuldades da alma em se desapegar das vestes carnis para se atingir a união com Deus ou o criador. São João evidencia a necessidade que é imposta as pessoas de suportarem a experiência dolorosa ao buscar o crescimento espiritual⁵⁹, um estado positivo e purificador. É um estado crítico da *nigredo*, em que o consciente pressente a ameaça de ser tragado pelo inconsciente. É semelhante ao processo descrito pelos primitivos como “a perda da alma”, ou seja, há um acesso repentino de *abaissement du niveau mental*, ou, como próprio nome já diz, ocorre o rebaixamento do nível da consciência, propiciando uma incapacidade de concentração

⁵⁹ CRUZ, São João da. **São João da Cruz: Obras completas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991, p. 50.

e cansaço psíquico, estado este, inconsciente, produzido pela união dos opostos e que proporciona a sensação de ter perdido sua humanidade. O objetivo da terapia nesta fase é o de reforçar a consciência, procurando estimular a atividade mental do paciente e a dominar a confusão mental que lhe envolve e assim encontrar a matéria prima da obra, ou seja, encontrar a si mesmo.

Arquetipicamente após a subida há, necessariamente o imperativo de se descer; o arquétipo da *Katábasis*, descrito na nona figura do *Rosarium Philosophorum*, titulada de “O retorno da alma”.



Fig. 10- A retorno da alma. R. F. Prancha 09

Nesta imagem a alma, voando, desce do céu. É ela que unifica os opostos para dar vida nova ao cadáver. Surgem também dois pássaros abaixo da figura: um com, e outro sem asas, ou seja, um que já aprendeu a voar e o outro que ainda não. Trata-se de uma das inúmeras representações da dupla natureza de *Mercurius*, ou seja, sua natureza cônica e a outra pneumática.

As últimas gravuras descrevem a repercussão sofrida pelo encontro dos opostos que inclui também a personalidade consciente, que o percebe como algo semelhante a morte, podendo chegar à uma completa dissolução do ego, no inconsciente. Isso pode ocorrer devido ao que Jung denomina “contaminação”⁶⁰, que é uma relativa identificação do ego com os fatores inconscientes, fenômeno este, descrito pelos alquimistas como *immunditia*, impureza.

A *mundificatio* (purificação) é a fase de se discriminar o que se encontrava misturado, ou seja, a *coincidentia oppositorum*. Nesta fase o indivíduo é capaz de diferenciar-se entre o eu e o inconsciente, condição necessária para que a alma seja capaz de retornar ao corpo.

(...) a vida não tem sentido na medida em que não oferecem interpretação. No entanto, elas (a vida e a anima) têm uma natureza passível de interpretação, pois em todo caos há um cosmos, em toda desordem uma ordem secreta, em todo capricho uma lei permanente, uma vez o que atua repousa no seu oposto. Para reconhecê-lo uma compreensão humana discernente, que tudo decompõe em julgamentos antinômicos (...) Só quando todas as muletas e arrimos forem quebrados e não se puderem mais contar com qualquer proteção pela retaguarda, só então nos será dada a possibilidade de vivenciar um arquétipo, que

⁶⁰ JUNG, C. G. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. Vol. XVI/2. §501.

até então se oculta na significativa falta de sentido da alma. É o arquétipo do significado ou do sentido, tal como a alma é o arquétipo da vida (§ 66)⁶¹.

Todas estas fases elencadas até o presente momento descreveram as transformações sofridas pela psique, tanto no processo de individuação natural ou desencadeado e maximizado no contexto de análise. As imagens acima, demonstraram uma sucessão de cenas, evidenciando a influência arquetípica constelada no momento do processo alquímico, colocando o analista como, em minhas palavras, o “alquimista da psique”.

Para descrever o arquétipo da transformação, Jung, em seu texto de 1954, intitulado “A Psicologia da figura do ‘Trickster’”⁶², em que o referido arquétipo foi utilizado por Jung para designar não apenas o “reflexo de um estágio de consciência anterior e elementar”⁶³ mas também a representação de uma consciência indiferenciada, que corresponde a uma psique que conserva o nível animal. Demonstra a cisão da personalidade, onde a segunda identidade assume um caráter inferior, pueril, denominado por Jung de “sombra”, mas com o caráter coletivo. A sociedade e a cultura, podem atribuir a estes aspetos, um caráter de falha pessoal ou defeito. Para elucidar, Jung apresenta festas coletivas que possibilitam a expressão destes conteúdos e que se conservam até os nossos dias, como o carnaval, por exemplo. Ele afirma que, em alguns casos, apresentam remanescentes que correspondem à sombra coletiva, e comprova sua hipótese que a sombra pessoal é descendente de uma figura coletiva numinosa, que, uma vez confrontada pela consciência pessoal, foi recalcada no inconsciente, e “projetada sobre outros grupos sociais e outros povos”⁶⁴, como frequentemente podemos observar nos fenômenos de intolerância racial e/ou religiosa. Ao estabelecer o paralelo entre a sombra pessoal e o “*trickster*”, ou figura da sombra coletiva, Jung evidencia que, apesar desta estrutura apresentar uma figura negativa por definição, se pode entrever traços positivos de conteúdos significativos, encobertos por um invólucro inferior. Minha metáfora para ilustrar este fenômeno é a magnífica flor de lótus, que nasce em meio à lama e pode ser associada a pureza espiritual e ao renascimento⁶⁵, e falar em renascimento é falar especialmente do arquétipo da transformação.

Posteriormente, a medida que a sombra for reconhecida, o indivíduo começa a se deparar com um problema de relação. Tal fato se dá porque o arquétipo mais próximo da sombra - didaticamente falando - é exatamente o arquétipo da relação, ou seja, a alma, para os homens e o animus, para as mulheres. Como todo arquétipo possui um caráter numinoso, exerce certo fascínio e um caráter possessivo, Jung nos adverte que “é compreensível que o confronto com a sombra influencie as relações do eu com fatos internos e externos de modo extremamente persistente, pois a integração da sombra acarreta uma mudança de personalidade”⁶⁶. Mas, como a alma é mal compreendida,

⁶¹ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol. 9/1, §66.

⁶² JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol. 9/1,, §456 a §488.

⁶³ Idem, §467.

⁶⁴ Idem, §484.

⁶⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelumbo_nucifera>. Acesso em 28 jan. 2016.

⁶⁶ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol. 9/1, nota 20, §485.

quanto ao papel que desempenha na vida do homem, pois representa tudo quanto este não sabe lidar, assume um assombroso grau de inconsciência. No processo de análise do inconsciente, a sombra, estando mais próxima da consciência e assumindo um caráter “menos explosivo”⁶⁷, torna-se a ser o primeiro aspecto a se manifestar, no início do processo de individuação. Assim, conhecer e integrar a sombra proporciona tamanha angústia, que somente a esperança consoladora de um “salvador”, poderá surgir para aliviar o total desamparo e desespero que o reconhecimento consciente que esta estrutura desempenha. E assim:

No caso individual, o problema suscitado pela sombra será respondido ao nível da alma, ou seja, do relacionamento. No caso histórico-coletivo, tal como no individual, trata-se de um desenvolvimento de consciência a qual se liberta gradualmente da prisão da (...) inconsciência, e o salvador é por isso um portador de luz.

Em Aion, Jung complementa este pensamento, afirmando que “só se pode conhecer a realidade da sombra, em face de um outro, e a do animus e da anima, mediante a relação com o sexo oposto, porque só nesta relação a projeção se torna eficaz”⁶⁸. Esta projeção dá origem a uma tríade e o quarto elemento que falta no homem, é o arquétipo do Velho sábio; e na mulher, é a mãe ctônica. A estes elementos Jung denominou “quatérnio de matrimônios”⁶⁹, que forma, em suas palavras, “um esquema do si mesmo e da estrutura social primitiva”⁷⁰. Assim o si-mesmo torna-se uma imagem divina em nós, o que nos faz compreender melhor a proposta de Clemente de Alexandria: “A maior de todas as doutrinas, consiste, na minha opinião, em conhecer a si mesmo”⁷¹.

Esta frase lembra muito a proposta socrática, inscrita no Pórtico Templo de Apolo, em Delfos, conforme citação de Boechat, em que “Jung deu uma resposta definitiva para a carência psicológica mais persistente de nossa cultura - de Édipo a Sófocles, passando por Hamlet e Fausto – o ‘Conhece-te a ti mesmo’”⁷². Jung reconhece que o que anteriormente era apenas uma prática clínica, preocupada primariamente com o tratamento de distúrbios neuróticos ou psicopatológicos, agora foi convertida em um método a serviço da autoeducação e do autoaperfeiçoamento. Tal processo possibilita o desenvolvimento ulterior pelo fomento do processo de individuação, e assim, definitivamente modificou seus objetivos, transformando a Psicologia Analítica em arte. Podemos compreender o porquê da resposta da anima de Jung (descrita no Livro Vermelho como Salomé), em seus exercícios de imaginação ativa, que após a visão que tivera em 1913 - onde vira o mapa da Europa e o mar que se transformara em sangue - Ele ficou estarecido mas relata nunca ter pensado na hipótese de uma guerra. Ele pergunta a sua anima: “O que é isso que eu estou fazendo? (Se referindo ao seu trabalho

⁶⁷ Idem, §486.

⁶⁸ JUNG, C. G. **Aion**: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Vol. 9/2. §42.

⁶⁹ Idem, §42.

⁷⁰ JUNG, C. G. **Aion**: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Vol. 9/2, §42.

⁷¹ Idem, § 347, apud Clemente de Alexandria em seu Pedagogo (III, I).

⁷² BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C. G. Jung**: Jornada para profundidades desconhecidas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

com o inconsciente). Certamente não é ciência, mas o que é?”⁷³ A resposta que lhe foi dada, foi, nada menos, do que a palavra: “arte”, deixando Jung um tanto contrariado.

Maier (1999) em seu livro “Sonho e ritual de Cura: incubação antiga e psicoterapia moderna”, demonstra a estreita relação entre os antigos cultos gregos de cura com a moderna psicoterapia. Estuda o arquétipo grego da psicoterapia, suas práticas e rituais em Epidauro, local onde muitos peregrinos, doentes, loucos e aflitos chegavam em busca das curas de Asclépio. O autor afirma que Jung descobriu empiricamente um ponto de contato, uma intersecção entre estas duas áreas aparentemente tão distintas. Enfatiza que desde os primórdios o homem buscou construir explicações plausíveis acerca da “origem e finalidade” da doença. Neste trabalho, Maier descreve o ritual grego de “incubação”, demonstrando a ideia de ser este ritual um protótipo para a prática da psicoterapia, realizada atualmente.

O autor supracitado afirma que na antiguidade, tudo o que se referisse a psique era incorporado na religião, ou seja, havia um limite muito tênue, quase invisível entre os aspectos psíquicos e os religiosos. Meier cita uma passagem de Galeno – um famoso médico da antiguidade - onde este se autodenomina “terapeuta” de seu “deus paternal”, Esculápio. Este material foi encontrado nos escritos de Jung sobre a patrística grega, no qual ele chama o monge de *therapeuthis*. Assim, “psicoterapeutas seriam pessoas que se interessavam pelo culto da psique”⁷⁴.

O procedimento grego utilizado para a cura das doenças, ou seja, a “incubação”, muito embora fosse usado apenas para as moléstias do corpo, pode ser equiparada com a moderna psicoterapia, pois, segundo as fontes pesquisadas por Meier, Esculápio preocupava-se com a relação corpo e mente; uma unidade inseparável, que era explicada pela expressão *mens sana in corpore sano* e ainda “a conexão interna entre a doença divina e o médico divino constituía o núcleo da arte de curar no mundo antigo”⁷⁵, podendo ser vista como o que Jung denomina “função transcendente”.

Para o autor, a eficácia da incubação estava intimamente relacionada com a importância atribuída aos sonhos. “Somente quando se valorizam altamente os sonhos é que eles podem exercer grande influência”⁷⁶. Para os gregos, os sonhos eram a representação de “algo que acontecia realmente”, não apenas um fruto da imaginação ou fantasia. A arte da incubação, então, consistia na criação de condições para que os sonhos acontecessem; eles controlavam algumas variáveis para que houvessem possibilidades para que a alma falasse diretamente: criava-se um *temenos*, um espaço sagrado e protegido, assim como na prática clínica da psicologia analítica, que possui “um método para constelar a ‘predição’ natural da psique”⁷⁷. Estes princípios também são válidos quando nos referimos aos problemas e/ ou distúrbios psíquicos na psicologia, que utiliza o recurso técnico de análise dos sonhos “(...) para que possa falar o inconsciente, o consciente deve ficar em silêncio.

⁷³ JUNG, C. G. (2014). **Seminários sobre a Psicologia Analítica** (1925), Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

⁷⁴ MEIER, C. A. **Sonho e Ritual de Cura: incubação antiga e psicoterapia moderna**. São Paulo, 1999, p. 13.

⁷⁵ Idem, p. 19.

⁷⁶ Idem, p. 09 e 10.

⁷⁷ Idem, p. 10.

Também não nos satisfaz uma explicação causal das neuroses e psicoses. “A doença deve fornecer um sentido” que exige ser reconhecido, um *telos* (uma finalidade), que deseja a *causa finalis*. E a palavra “sentido” deve ser compreendida como “função”; a função de trazer à consciência material predominantemente inconsciente, seja ele tanto do pessoal quanto do coletivo. O problema do sentido está ainda intimamente relacionado com o termo “sintoma”, que na antiguidade, abarcava a expressão da “*sympatheia*”, o “*consensus*”, a “*cognatio*” ou “*coniunctio naturae*”, ou seja, o ponto de correlação entre o mundo interno e o mundo externo.

Maier (1999) cita ainda alguns princípios gregos que encontramos vivos dentro da clínica Junguiana. Menciona a citação de Apolodoro, encontrada no oráculo de Apolo que diz: “o que fere é o que cura” para exemplificar a ideia de que o sentido de uma doença pode estar intimamente associado à sua cura, ou ainda propiciar ao indivíduo doente a possibilidade de se chegar a ela por meio de recursos internos que devem ser despertados na relação dialética da análise. Eis aí a aplicação psicológica do princípio que “é do veneno que extraímos seu remédio”, que embasa a ideia que o paciente traz em si a resposta para seus enigmas e contradições.

O paralelismo à prática clínica também é encontrado no fato de que a Grécia antiga reconhecia ainda nos termos “*nosos*” (doença) e “*penia*” (pobreza) dois conceitos inseparáveis, assim como “*hygieia*” (saúde) e “*ploutos*” (riqueza). Esta relação se manifesta na cultura por meio da ideia de que a doença é tida como uma “falta” (*penia*) de algo ou alguma coisa - portanto uma pobreza - e ainda considerava o indivíduo saudável como possuidor de uma plenitude ou completude, comparadas a uma riqueza. Se observarmos atentamente a neurose, quase em sua totalidade, podemos perceber o relato de haver uma falta, um vazio, uma incompletude, que gera muitas vezes a busca pelo processo analítico. Em “Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo”⁷⁸ Jung nos fala que a falta de sentido é também arquetípica. Para ele:

Sabedoria e loucura aparecem na natureza élfica como uma só e a mesma coisa; e os são quando a anima as representa. A vida é ao mesmo tempo significativa e louca. Se não rirmos de um dos aspectos e não especularmos acerca de outro, a vida se torna banal; e sua escala se reduz ao mínimo. Então só existe um sentido pequeno e um não sentido igualmente pequeno. No fundo, nada significa algo, pois antes de existirem seres humanos pensantes não havia quem interpretasse os fenômenos. As interpretações só são necessárias aos que não entendem. Só o incompreensível tem que ser significado. O homem despertou num mundo que não compreendeu; por isso quer interpretá-lo (§65).

Posteriormente, outra comparação feita por Meier (1999) ao pensamento mitológico grego, que é a possibilidade de a cura estar atrelada a necessidade do deus que realizaria esta façanha estar, ele mesmo, doente ou ferido. É o que se pode observar nos Santuários de Esculápio.

O procedimento é exclusivamente irracional. Não existe terapia causal; em vez do princípio de causalidade encontramos o da analogia, o *simila*

⁷⁸ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**, 13. ed. Vol. 09/1 – Petrópolis: Vozes, 2011, §65.

similibus curantur ('semelhante é curado com semelhante') que mais tarde se torna familiar na homeopatia (veneno = remédio)⁷⁹.

Tal princípio nos fala, em psicologia de que tanto paciente quanto analista, por ser constituídos de uma mesma matéria, pela mesma substância; possuírem a mesma natureza humana; ambos, com os seus sistemas consciente e inconsciente, numa relação dialética e quando Jung, em "Psicologia e Alquimia" cita um velho alquimista: "A arte requer o homem inteiro"⁸⁰ era a esse todo que se referia, o homem sélfico, total, em relação; e não apenas egóico.

1.1 O MISTÉRIO DA CONJUNÇÃO ESTABELECE A RELAÇÃO ANALISTA-PACIENTE

Em maio de 1932, em uma exposição feita por Jung à Conferência Pastoral de Estrasburgo⁸¹, o autor descreve o desenvolvimento da Psicologia Médica e a psicoterapia. Afirma que, por muito tempo a ciência médica evitou tocar nos problemas psíquicos, acreditando não ser de sua alçada e relata que a psiquiatria utilizou alguns dos métodos da Psicologia Experimental e das experiências da Neurologia Psicogenética, mas na prática, abriu-se um grande abismo entre os neurologistas e os psicoterapeutas, especialmente pelo fato da Neurologia se tratar dos problemas orgânicos, enquanto as neuroses psicogênicas não se enquadram a esta categorização. O autor percebeu, em sua prática, que as neuroses formam um grupo *sui generis* e isolado, estando na transição, entre as doenças mentais e as doenças nervosas. Conclui que as neuroses "nascem de causas psíquicas e só podem ser curadas por meios exclusivamente psíquicos"⁸². Esse fato leva a uma descoberta incômoda para a medicina e psicologia da época: "A descoberta da alma enquanto fator etiológico suscetível de provocar enfermidades no domínio humano"⁸³. Esta afirmação não souo de forma amigável no final do século XIX, momento histórico em que a Medicina se encontrava ancorada nos pressupostos filosóficos do causalismo e materialismo.

O autor relata ter ocorrido várias tentativas fracassadas no sentido de reduzir o fator psíquico a outros fatores orgânicos e afirma que a teoria que mais se aproximou do êxito foi a que procurou reduzir o fator psíquico à noção de instinto, ou seja, estudiosos com esta linha de pensamento, opondo-se a ideia "mística" de alma, buscavam a causa da neurose num distúrbio instintual. Dois grandes representantes deste grupo de ideias foram Freud e Adler. O primeiro buscou um princípio explicativo nas perturbações do instinto sexual, enquanto o segundo baseou suas explicações em perturbações do instinto do poder, instinto este, um pouco mais psíquico do que o sexual.

⁷⁹ MEIER, C. A. **Sonho e Ritual de Cura**: incubação antiga e psicoterapia moderna. São Paulo: Paulus, 1999, p. 154.

⁸⁰ JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. 13. ed. Vol. 12 – Petrópolis: Vozes, 2011, §06.

⁸¹ JUNG, C. G. **Escritos Diversos**: (dos volumes 10 e 11) 13. ed. Vol. XXI/6 – Petrópolis: Vozes, 2011. §488 a 538.

⁸² Idem, §490.

⁸³ JUNG, C. G. **Escritos Diversos**: (dos volumes 10 e 11) 13. ed. Vol. XXI/6 – Petrópolis: Vozes, 2011, §490.

Jung, buscando complementar os sentidos anteriormente descritos, acreditava que as palavras do analista não ofereciam relevância ao processo terapêutico, e elas “não agem senão porque transmitem um sentido ou uma significação: é justamente aí que reside o segredo de sua eficácia. Ora, o sentido é qualquer coisa de espiritual”⁸⁴. Dessa forma a Medicina descobriu a alma, e não pode mais negar a “substancialidade do psiquismo”⁸⁵. Jung reconhece que o instinto é uma das condições do psíquico, mas não a única. Conclui que a neurose “é um sofrimento de uma alma que não encontrou o sentido (...) e que (...) o motivo de sofrimento é a estagnação espiritual, a esterilidade da alma”⁸⁶. Para ele “o importante já não é a neurose, mas quem tem a neurose. É pelo ser humano que devemos começar, para poder fazer-lhe justiça” (§ 190)⁸⁷. E conclui: “Este estado de alma, nascidos em seres que perderam o sentido de sua existência, determina a perturbação do mundo subterrâneo e desencadeia os instintos domesticados a duras penas (§ 517)⁸⁸. E nesta linha de raciocínio, sintetiza:“(…) só o significado traz salvação”⁸⁹. Para ele “as pessoas enlouquecem visto que não conseguem expressar o que as abalam... quando não encontram imagens para os seus conteúdos internos”⁹⁰ e o terapeuta deve estar apto a auxiliar este indivíduo encontrar uma expressão, uma imagem capaz de propiciar alívio, e conseqüentemente um significado. Ainda se referindo ao significado, Meier (1999) considera que o “sistema deve passar por uma transformação de sentido durante o processo da doença e do tratamento; ou seja, o elemento espiritual não era um componente original da doença, mas um produto dela, e eventualmente também do tratamento”⁹¹.

Em 21 de abril de 1947, Jung escreve uma carta ao seu primo, Dr. Richard Otto Preiswerk⁹², falando sobre a importância da psicoterapia. Para ele se trata de uma prática extraordinária, que não pode ser simplesmente aprendida e reproduzida indiscriminadamente como uma receita pronta e acabada. Enfaticamente afirma que “só se pode curar a partir de um ponto central”, ou seja, o paciente deve ser compreendido como um ser humano individual, como um “todo psicológico”, e o analista necessita ter a ousadia de deixar a teoria fora do setting, e, no primeiro momento ouvir atentamente o que o paciente tem a dizer sobre si, suas vivências, alegrias e dores, analisando suas expressões e reais necessidades. O autor afirma que “um diálogo profundo e minucioso pode operar maravilhas”. Sobre este assunto, encontramos em sua obra “Civilização em transição” a afirmação de que “a técnica é sempre um esquema sem alma” e aquele que considera este como o seu único aspecto, pelo menos corre um sério risco de cometer

⁸⁴ JUNG, C. G. **Escritos Diversos**: 13. ed. Vol. XXI/6 – Petrópolis: Vozes, 2011, § 494.

⁸⁵ Idem, §495.

⁸⁶ Idem, § 497.

⁸⁷ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. §190.

⁸⁸ JUNG, C. G. **Escritos Diversos**, § 517.

⁸⁹ Idem, §496.

⁹⁰ JUNG, C. G. **Seminários sobre sonhos de crianças**, 2011, p. 145.

⁹¹ MEIER, C. A. **Sonho e Ritual de Cura**: incubação antiga e psicoterapia moderna. São Paulo: Paulus, 1999, p. 148.

⁹² Disponível em: < <http://integrandofragmentos.blogspot.com.br/.../sobre-psicote...> >. Acesso em: 22 mar. 2015

“erros irreparáveis”⁹³. Para Jung o objetivo da terapia não seria “colocar o paciente num estado impossível de felicidade, mas sim possibilitar que adquira firmeza e paciência filosóficas para suportar o sofrimento” (§ 185)⁹⁴, estabelecendo um ponto de equilíbrio entre alegria e a dor.

Mas como a psicologia trata-se de uma ciência psicológica, e, como toda ciência, procura validades universais, Jung postula que, paradoxalmente, apesar das diferenças individuais que devem ser observadas no processo, existem partes do sistema psíquico que podem ser comparadas, dando ao terapeuta um ponto de referência. Já no segundo requisito das necessidades para que se atinjam eficácia na prática terapêutica relatadas na carta para seu primo, Jung relata ser “imprescindível” para o processo que o analista tenha certo conhecimento de si. Em suas palavras “quem não compreende a si mesmo também não vai compreender o outro, e também não poderá agir psicoterapeuticamente se antes não se tiver tratado com o mesmo remédio”⁹⁵. Como se deve ter um olhar global sobre o indivíduo para que se perceba a sua relativa individualidade, o autor acredita que o analista, como um todo, também deva estar envolvido, com suas funções conscientes, tentando perceber a atuação das forças inconscientes entre ambos. É a misteriosa conjunção que necessita ser construída para que a relação analista-paciente se dê. Hillman (1984) cita a Parábola do Arqueiro Zen como metáfora ao processo analítico. Para ele uma das dificuldades que os analistas relatam, está na relação analítica. Ele nos adverte:

Quanto mais te esforças por atingir o alvo, mais fora dele tu atiras. É como se o primeiro passo para o encontro tivesse de ser a obliteração da consciência do meu ego, como um eclipse do sol, mesmo sendo esse sol a razão de me terem procurado (P. 17)⁹⁶.

E é nesse momento que a relação analista-paciente, ou também conhecida como relação “eu-tu”, deva falar mais alto. Não apenas ao nível de ego, mas como expressado na bela parábola acima, devemos nos relacionar dialeticamente com todo o ser, consciente e inconscientemente, para que possa promover a transformação. Para tanto, a prática da psicoterapia deve integrar tanto uma atitude quanto uma teoria. Os aspectos teóricos são uma forma de estruturar o processo para que a conjunção do método dialético se estabeleça e a teoria seria uma forma iluminar o caminho para que se possa adentrar no escuro da alma humana, “um mapeamento prévio”⁹⁷ e somente assim é possível construir uma atitude terapêutica. Neste sentido, Jung sugere que tanto o analista quanto o alquimista possuem uma meta espiritual, ou seja, enquanto o primeiro se propõe a criação de um novo ser, mais volatilizado; o segundo busca uma mudança de atitude, cuja postura seja justa para com o inconsciente, e, para tanto, não deve depender apenas do conhecimento intelectual e estranhamente sugere que “rasguem os livros”⁹⁸, pois se

⁹³ JUNG, C. G. **Civilização em Transição**. (OC X/3), § 357.

⁹⁴ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. §185.

⁹⁵ Disponível em: < <http://integrandofragmentos.blogspot.com.br/.../sobre-psicote...> >. Acesso em: 22 mar. 2015.

⁹⁶ HILLMAN J. **Uma Busca Interior em Psicologia e Religião**, p. 17.

⁹⁷ GAMBINI, Roberto. **A Voz e o Tempo**: reflexões aos jovens terapeutas. São Paulo. Ateliê Editorial, 2008.

⁹⁸ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Obras Completas, vol.16/2, §486.

apenas usarmos a razão, faltará a função sentimento que leve em conta também a sensação e a realidade. No plano psicológico estas recomendações de Jung se referem a relevância da conscientização dos conteúdos inconscientes, sua exploração teórica, ou seja, a compreensão intelectual, bem como a necessidade, por parte do analista, de criar uma atitude perante o inconsciente e não apenas frente ao conhecimento ou intelecto que, segundo os alquimistas, pode ser compreendido pela expressão: "*ora et labora*".



Fig. 11 - *Ora et labora*

O aprofundamento além dos limites egóicos promove uma descida ao inconsciente e converte-se em uma “iluminação que vem de cima”, conforme Jung descreveu na oitava prancha do *Rosarium Philosophorum*, denominada “a purificação”⁹⁹. O conflito dos opostos ainda não foi resolvido, mas ficou relegado para o inconsciente. Quando a alma retorna transformada, ela volta purificada na essência dos metais, na borra e no diadema, mas possui como característica a possibilidade de voltar a essência, ou seja, a atingir as funções pensamento, sentimento, intuição e/ ou sensação.

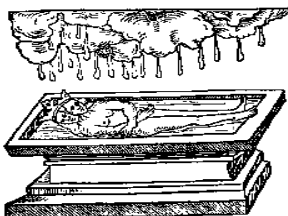


Fig. 12- A purificação. R. F. Prancha 08

Volta de onde veio, ou seja, para a fonte de Mercúrio. Ela é idêntica ao orvalho, significando “o rei que desce dos céus”. Tudo o que foi projetado volta em essência e pode ser reintegrado. Os véus de Maya caem e toda verdade pode ser observada sem a ilusão da projeção, e assim o indivíduo pode ficar com ela mesma. Com a ampliação de consciência propiciada nas fases anteriores do processo analítico, a psique, um pouco mais consciente pode então “voltar para a terra”, tal qual a imagem apresentada. Nesta imagem há o orvalho caindo das nuvens do céu, sinal do precursor do nascimento divino, que gera vida. Podemos comparar a *albedo*, o alveamento, ao nascer do sol, à luz que surge após as trevas, produzindo iluminação e sabedoria. Assim a descida ao inconsciente pode converter-se em iluminação vinda de cima, pois propicia uma nova forma ou possibilidade de se ver os fatos da vida. A purificação significa a eliminação de tudo o

⁹⁹ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência.** Obras Completas, vol.16/2, §483 e §484.

que é supérfluo, e o renascimento se inicia quando o desnecessário é deixado de lado, lembrando a segunda recomendação dos sete sábios, inscrita no Templo de Delfos, na Grécia antiga: “Nada em excesso”. O equilíbrio buscado, no plano psicológico equivaleria pensar na conscientização dos conteúdos inconscientes e conseqüentemente sua exploração teórica como meta de trabalho. Para tanto, paciência e comedimento são duas virtudes necessárias para esse momento. Mas, precisamos de todas as funções da consciência para o trabalho com o inconsciente, examinando minuciosamente todos os fenômenos que ocorrem no temenos, por mais obscuros que possam parecer. Se utilizarmos apenas a função pensamento para a compreensão do estágio da purificação, haverá uma grande probabilidade de se chegar a uma inflação egóica. Estaria faltando a função valorativa, ou seja, a função sentimento e a função da realidade, a sensação, bem com a intuição. Assim, o paciente deve procurar ir além da compreensão intelectual de seu processo analítico. Necessita de sua função sentimento para que possa desenvolver um relacionamento profundo com seus conteúdos inconscientes, propiciando uma ideia de totalidade.

O orvalho caindo anuncia o retorno à vida e uma nova luz. A descida a regiões cada vez mais profundas do inconsciente converte-se numa iluminação vinda de cima. Ao desaparecer com a morte, a alma não se perdeu; apenas foi constituir no além um polo de vida oposto ao estado de morte neste mundo. (...) significa a iluminação que se produz quando se dá sentido a algo. (...) esta luz tornará visível o que a união dos opostos na verdade significa (§493)¹⁰⁰.

Surge então um paradoxo: a transformação e a permanência, ou seja, ocorre a transformação no indivíduo com uma ampliação da consciência, mas a essência não muda, o que está simbolizado na presença da borra e das cinzas, prefigurando a transformação. Jung nos chama a atenção para o fato de que a água, neste contexto, é símbolo da sabedoria e do espírito. Ele cita partes do sermão do cardeal Nicolaus Cusanus: “Note bem que o intelecto nos foi dado com a força da semente intelectual; por isso tem em si o princípio da fonte, mediante o qual gera em si mesmo a água da inteligência”¹⁰¹ e na sequência conclui: ...“produz as águas metafísicas de onde emanam os demais rios da ciência sem jamais se esgotar”¹⁰².

Esse processo promove uma “iluminação” para o estado emocional de *nigredo*, ou estado inconsciente, que o paciente se debatia no início do processo, e, pode ser correlacionada ao nascer do sol, ao nascimento de uma nova esperança, após um longo período de trevas da alma. Assim, este processo propicia a “eliminação de tudo o que é supérfluo e adere a todos os produtos meramente naturais, em especial aqueles conteúdos simbólicos do inconsciente que, para o alquimista, estavam projetados na matéria”¹⁰³. Mas esta arte demanda tempo. Tanto o alquimista quanto o analista necessitam desenvolver a paciência e comedimento; duas atitudes necessárias para que a purificação se dê e o analisando possa ser capaz de encontrar a luz e o sentido existencial.

¹⁰⁰ JUNG, C. G. **Ab-reação, Análise dos Sonhos e Transferência**. §493.

¹⁰¹ Idem, §485.

¹⁰² Idem, §485.

¹⁰³ Idem, §486.

A purificação, quando ocorre apenas na função intelectual, exclusivamente na função pensamento, pode levar à inflação, ou seja, para que possa alcançar êxito promovendo a individuação, necessita passar por todas as funções psíquicas: além da compreensão intelectual, da leitura de livros, paciência e meditação é necessário ao analista um ingrediente principal: o amor, compreendendo-o como a integração da função sentimento e ainda a atividade imaginativa da intuição. Aquele amor explicitado por Jung em Estudos Alquímicos¹⁰⁴, que necessita ser associado à intuição e a inteligência, para que possa promover a ampliação da consciência e a integração das funções psíquicas. Assim,

Se continuarmos atribuindo o valor exclusivo aos livros e ao saber neles contido, estaremos desrespeitando a vida afetiva e o sentimento do ser humano. Por isso temos que abandonar o ponto de vista puramente intelectual. O orvalho de Gedeão constitui, de fato uma intervenção divina; ele é a umidade anunciando o iminente retorno da alma¹⁰⁵.

E como o próprio Jung enfatiza “o processo psicológico que transforma a energia psíquica é o símbolo”¹⁰⁶, dessa forma, a meta da análise passa a ser muito mais do que apenas a dissolução de conflitos interpessoais, ou seja, assim como a meta da alquimia, torna-se a unificação da natureza humana; é coagular o que estava dissolvido, separado, cindido, e, concomitantemente, separar o que está fundido, indiferenciado. Para o autor “a natureza não só contém um processo de transformação – ela é a própria transformação”¹⁰⁷ e possui uma tendência para a *coniunctio* entre a luz da consciência e a escuridão do inconsciente. Trata-se da união dos opostos “que a luz de cima havia separado rigorosamente”. Paracelso, em sua obra, já demonstrava simbolicamente que a natureza humana é ambígua e Jung pode compreender que o que mantém os opostos unidos, de alguma forma precisa ter também uma natureza paradoxal; necessita, de alguma forma pertencer a ambos os lados, acirrando a oposição e o autor conclui que somente o *símbolo*, que possui estas propriedades, torna-se assim, a melhor maneira de traduzir o incognoscível¹⁰⁸ e trazer a luz o que Jung chama de “sementes criativas”¹⁰⁹ que são inerentes ao ser humano cindido, mas ainda necessitam desabrochar.

A prática da psicoterapia Junguiana precisa, portanto, ser um processo dialético, vivenciado, pois, como Jung nos adverte “as coisas anímicas são processos vivenciais”¹¹⁰ para que possam produzir empatia capaz de gerar transformações, necessitando que cada caso seja visto como único, vivo, e em movimento. Sua prática propicia ao analista o desenvolvimento de um *feeling*, uma percepção, um campo de escuta, não apenas intelectual ou egóico, mas como resultado desta relação entre os dois sistemas psíquicos, criando um campo gerador de material para reflexão sobre fatos e acontecimentos da vida externa e também dos processos internos, trazidos pelo paciente.

¹⁰⁴ JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. § 391.

¹⁰⁵ JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Obras Completas, vol.16/2, §487.

¹⁰⁶ JUNG, C. G. **Energia Psíquica**. §88.

¹⁰⁷ JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. Obras Completas, vol. 13. §198.

¹⁰⁸ JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. Obras Completas, vol. 13, § 199.

¹⁰⁹ JUNG, C. G. **Psicogênese das Doenças Mentais**. Vol. III, §253.

¹¹⁰ Idem, §199.

Durante o processo de análise, a vida pessoal do analista não para e muitas vezes sua vida interna e externa mostra-se muito semelhante à de seus pacientes. Ele pode adoecer, passar por problemas no plano pessoal, acumulando conquistas, sucessos, perdas, frustrações e aprendizagens, como qualquer outro ser humano. Mesmo assim, muitas vezes, necessita continuar com a sua tarefa e no exercício de seu papel de analista, com consciência da similaridade e da contaminação psíquica próprias do processo. Isto comprova a verdade mítica de que “... o fato de que o feridor e ferido cura, e o que padece repara ou remedia o sofrimento”¹¹¹, ou seja,

Só quando o médico tiver sido tocado profundamente pela doença, infectado por ela, mobilizado, amedrontado, comovido; só quando ela tiver se transferido para ele, continuado nele e obtido um referencial em sua própria consciência — só então e só nessa medida poderá lidar com ela eficazmente¹¹².

O que poderia parecer negativo, paradoxalmente propicia maturidade emocional e até “moral”, no sentido de compreender a extensão da dor humana, simplesmente pelo fato de já tê-la experienciado. Adquire assim a postura de não julgamento.

Se um médico quer ajudar um homem, deve primeiramente aceitá-lo como é. E não poderá fazer isso enquanto não se aceitar a si mesmo previamente, tal como é, em seu ser, com todas as suas falhas (...). Isto talvez pareça simples. Mas o que é simples em geral é sempre o mais difícil. De fato, a simplicidade constitui a arte suprema e assim a aceitação de si mesmo é a essência do problema moral e o centro de toda concepção de mundo (...). Mas, o que acontecerá, se descubro, porventura que o menor, o mais miserável de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais insolente de meus caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola de minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar? (§519 e §520)¹¹³.

Em contrapartida, há a necessidade de o analista levar o paciente a aceitar a si mesmo, estimulando que ele acolha seus conteúdos mais íntimos e desprezados de sua alma, ou seja, que admita sua sombra tão fortemente ignorada e abandonada como um aspecto seu, que se tornou violento pois, como nas palavras de Edinger “na raiz de todas as formas de violência, reside a experiência de alienação, uma rejeição muito difícil de aceitar” (p. 73)¹¹⁴. E desta forma, os conteúdos da sombra, assim acolhidos podem ser redimidos e integrados na consciência.

E aí que entra a metáfora do analista como “curador ferido”, personificado no Mito Grego de Quíron, que foi criado pelo deus Cronos¹¹⁵, que, diferente de outros centauros, era inteligente, bom, e possuía muitos conhecimentos como artes, música, poesia, ética, filosofia, artes divinatórias e proféticas, terapias curativas e noções da

¹¹¹ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**, vol. 9/1. §457.

¹¹² Jaspers, K. (1964). **"The Nature of psychotrapy"**. Chicago, Chicago University Press, Manchester, Manchester University Press. *apud* GROESBECK (1983).

¹¹³ JUNG, C. G. **Escritos Diversos**. Obras Completas, vol. 11/06, §519 e §520.

¹¹⁴ EDINGER, EDWARD F. **Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung**, São Paulo, SP. Ed Cultrix, 1989.

¹¹⁵ GROESBECK, 1983.

ciência. Segundo o autor, Quíron foi educado por Apolo, que o criou por tê-lo encontrado abandonado. Ao crescer, teve vários discípulos, dentre eles Asclépio (também conhecido como Esculápio), o Pai da medicina, que aprendeu com Quíron a arte de curar. Em uma batalha Quíron foi acidentalmente ferido na coxa por uma flecha envenenada com o veneno de Medusa, por Hércules. Por ser imortal, pois era filho de um Titã, não morreu, mas sentia dores atrozes e incessantes. Foi condenado a sofrer eternamente as dores de suas feridas, apesar de conhecer todas as técnicas de cura. Quíron herdou de Apolo o lado racional e a arte da cura e dos seus instintos animais, o lado escuro e irracional ferido, que lhe deu o conhecimento e a vivência do que é estar ferido. Segundo o autor (1983),

O paradoxo de que aquele que está sempre curando permanece eternamente doente ou ferido, parece estar no centro do mistério da cura. Na verdade, o princípio subjacente deste mistério é ‘simplesmente o conhecimento de uma ferida também experimentada, e de modo permanente, por aquele que cura’¹¹⁶.

O paciente, ao adentrar ao setting terapêutico traz, na maioria das vezes, uma dor que precisa ser acolhida, e, acima de tudo, o analista só estará apto a tarefa e propiciar alívio à dor alheia, se tiver consciência e conhecer sua própria dor. De ambos os lados, tanto no lado do analista quanto no do paciente, a dor é algo que propicia força e é exatamente nessa relação com a própria dor ou com a alheia, muitas vezes tão complexa, intensa ou sutil, que são criadas as possibilidades de inovações na psique, de transformá-la. É a possibilidade de surgir “o Salvador crucificado entre os dois malfeitores” como Jung relata em *Aion*, referindo-se à “suspensão dolorosa entre dois opostos inconciliáveis” (§79)¹¹⁷.

A relação analítica por ser uma prática dialética, deve ter em mente que não deve desconsiderar a atuação dos “parceiros invisíveis”¹¹⁸, ou seja, a influência da psique inconsciente, tanto do analista quanto do analisando, caracterizando este processo como a expressão de Hillman (1984) “o encontro humano”¹¹⁹. E nesse encontro, nessa conversa entre duas pessoas que estão frente à frente, o dialogar depende primeiramente do ouvir, mas não um ouvir qualquer. O autor elucida a profundidade deste ato e para diferenciá-lo, cria a expressão “ouvir contemplativo”, e o considera uma arte. É uma percepção passiva do que se está sendo dito em palavras, atos, gestos, sem a intencionalidade do ego.

Recebemos o outro como se fosse música, ouvindo o ritmo e a cadência de sua história, suas repetições temáticas e desarmonias. Nessa atitude nos transformamos em mitólogos da psique, ou seja, em estudiosos das narrativas da alma, pois mitologia, originalmente, significa ‘narração de histórias’. Se a alma é uma corda que vibra, somente o ouvido poderá revelá-lo. O ouvido é a parte feminina da cabeça. É a consciência oferecendo a máxima atenção com o mínimo de intenção. Recebemos

¹¹⁶ GROESBECK, 1983, p.79.

¹¹⁷ JUNG, C. G. *Aion. Estudo do simbolismo do Si mesmo*. Vol. 9/2. §79.

¹¹⁸ Expressão usada por John A. Stanford para designar a atuação do masculino e feminino dentro de cada um de nós, publicando um livro com este mesmo nome. Estas estruturas internas também se encontram presentes no Campo Analítico e atuam na relação dialética.

¹¹⁹ HILLMAN, JAMES. *Uma Busca Interior em Psicologia e Religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 12.

o outro através do ouvido, através de nossa parte feminina, concebendo e gestando uma solução nova para o seu problema somente depois de termos sido totalmente penetrados por ele e sentido o seu impacto, deixando-o definir-se em silêncio¹²⁰.

Todo arquétipo tem sua música. O paciente nos narra, a partir de sua psique e sua história tem base nos arquétipos e complexos. O ouvido do analista precisa receber todo esse conteúdo, ou seja, a narrativa, os complexos, os arquétipos, e explicitá-los, traduzi-los para o analisando o que, na realidade o abala. A tarefa de ouvir, para que a pessoa compreenda o que o abalou. Além de influenciar a consciência, a arte de ouvir, segundo Hillman (1984), ainda pode levar a outro fenômeno que o autor denomina “infecção psíquica”, provocada neste encontro de almas, podendo ocorrer uma confusão sobre a procedência dos conteúdos, ou seja, se estes provêm do paciente ou se são do analista. Assim, o analista necessita de sua estrutura egóica e intencionalidade dirigida para que possa ter consciência e certa “defesa” contra a infecção quase inevitável. Mas, segundo Hillman (1984) “a cura vem exatamente de nosso lado desarmado, lá onde somos bobos e vulneráveis”, ratificando a ideia do curador ferido: apenas quem está ferido é capaz de curar por meio de seus próprios ferimentos. Este ouvir tem ainda um outro diferencial dos demais, ele ocorre num encontro humano, limitado em um espaço seguro, um ambiente protegido e, em suas palavras, “o encontro humano depende de uma conexão interior, para estar em contato com você, é necessário que eu esteja em contato comigo mesmo”. (Hillman, 1984, p. 35). E este encontro deve ocorrer em um ambiente que, para que se adquira características terapêuticas, necessita que se tenha algo, como um “templo de preservação”. Os antigos gregos utilizavam a palavra “temenos” para designar um lugar sagrado, um templo, onde se possa sentir uma presença divina.

1.2 A CONSTRUÇÃO DO *TEMENOS*: O CAMPO ANALÍTICO

Jung utilizou a palavra “*Temenos*” referindo-se ao ambiente analítico, ao *setting* terapêutico no qual analista e paciente realizam o encontro humano, ou seja, a prática da psicoterapia. É neste espaço que a relação dialética se estabelece. Nas palavras do autor, “o recinto de um templo ou de algum lugar sagrado e isolado. (...) o círculo protege ou isola um conteúdo ou processo interior, que não deve se misturar com as coisas de fora”¹²¹. Outro sentido atribuído para o termo *temenos* é “o recipiente hermeticamente vedado”, uma analogia alquímica que expressa o vaso fechado onde se depositam os ingredientes para que o alquimista possa trabalhá-los, ou seja, transmutá-los. Muitas vezes este local pode ser sentido como um útero ou uma prisão, mas de qualquer forma pode ser um “santuário libertador que dá proteção”¹²² Segundo o autor:

(...) somente o amor que é perfeito dissipa o medo”. Este sentimento não redime o medo, mas propicia ambiente tranquilo, brando, paciente que pode gerar refúgio para quem sofre, como uma gruta, nos momentos de aflição da noite da alma, até que a nigredo possa dissipar-se. Ocorre aqui algo que aparenta ser contraditório: O mais profundo

¹²⁰ HILLMAN, JAMES. **Uma Busca Interior em Psicologia e Religião**. São Paulo. Edições Paulinas, 1984, p. 18.

¹²¹ JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Vol. 11/1. §157.

¹²² Expressão de HILLMAN, 1984.

do medo, segundo Hillman, é o medo do amor. Desde a primeira infância as “imperfeições” do amor levaram ao medo e é exatamente neste sentimento onde o amor se esconde, que pode constituir assim um complexo. Para que se propicie a dissolução deste complexo e o medo desaparecer, deverá ser realizado por alguém cujo amor seja “perfeito”¹²³

Quando duas pessoas se encontram se envolvem, e esse envolvimento se processa através do sofrimento da psique, ambas são imediatamente atingidas pela força arquetípica do amor. Isso fica ainda mais forte se elas esperam criar juntas uma vida nova como resultado de sua união. Desde o início, temos que estar conscientes dessa realidade ou então seremos “atacados pelas costas, caindo numa armadilha. Poderemos nos apaixonar, independente de sexo, idade ou qualquer condição”¹²⁴.

Isso nos faz lembrar novamente das palavras de Jung: “O encontro de duas personalidades é como uma mistura de duas substâncias químicas diferentes; no caso de se dar uma reação, ambas se transformam”¹²⁵. Assim, para que haja uma mistura, os elementos devem estar contidos em um recipiente, um vaso, um Becker de laboratório, que contém as substâncias para não se perderem, dá continência, envolve, acolhe. Se pensarmos na análise como um processo alquímico, a analogia também é verdadeira, pois, este encontro deve ocorrer em um ambiente adequado, como um laboratório, onde necessita de um “locus”, com variáveis mensuradas. O encontro analítico também deve obedecer algumas variáveis para que tenha êxito. Não se deve realizar como amigos em um bar, ou restaurante. Não “vazar” líquido pode ser uma imagem para o “não vazar” informações, fatos, o que nos leva a pensar nos aspectos éticos envolvidos no processo.



Fig. 13 - Vaso alquímico



Fig. 14 - Becker de laboratório

O trabalho produzido pelo analista e paciente neste espaço protegido, assume a forma de arar, cavar, irrigar, plantar, cuidar o que nos faz pensar numa imagem: a do jardineiro.

Nesse campo, que represento como uma pequena área de dois metros quadrados, onde se situam duas poltronas colocadas frente a frente (...) naquele diminuto espaço geográfico ocorreram coisas de uma tal intensidade, de uma tal riqueza e com tantas incógnitas, com tantos fatos não explicados, que elas alimentaram uma reflexão constante e crescente. Certamente, cada paciente que entrou neste processo e nesse espaço fez a sua própria reflexão (...) e o terapeuta também fez a sua¹²⁶.

¹²³ HILLMAN, 1982, p. 32.

¹²⁴ HILLMAN, 1982, p. 33 e 34..

¹²⁵ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI/1 – Petrópolis: Vozes, 2011. §163.

¹²⁶ GAMBINI (2008), p. 118.

Assim como na Grécia antiga, enfermos do corpo e da alma se dirigiam aos templos de Asclépio, em peregrinação, buscando um local que propiciasse a cura, o alívio de suas dores, um temenos de incubação, seguro como o útero da Grande Mãe, a Mãe Natureza, a Mãe Terra, como citado acima, referenciando Meier em “Sonho e Ritual de Cura”, ainda hoje buscamos um espaço sagrado para levar nossas dores e aflições.



Fig. 15 - Escultura do Caduceu; Ruínas do Templo de Asclépio, Ilha de Delos, Grécia.

Na Grécia, o sofredor saía de um local estressante para buscar a restauração de sua psique, aguardando um sonho com os deuses, com a serpente, para lhes mostrar um caminho e promovesse a cura. E hoje, pensar no Temenos é pensar no espaço que se realiza a análise, não apenas o espaço físico, compreendido entre quatro paredes, mas um espaço psíquico, capaz de gerar um campo que promova e propicie a sensação de acolhimento, segurança, afeto e transformação. Este espaço necessita ainda proporcionar calor na medida certa: não aquele que queima, pelo excesso, ou que mata congelado, pela falta, mas aquele semelhante ao “banho-maria”- expressão criada pela alquimista Maria de Profetiza para designar o fogo brando, na medida adequada para propiciar a transformação e secagem dos complexos e afetos.

A técnica somente pela técnica é fria e não propicia a cura. Nem tampouco apenas a figura do analista. Assim como na Grécia, quem promovia o sonho era a Grande Mãe, a cura analítica necessita do todo: do local hermeticamente vedado e da relação dialética: paciente e terapeuta. Ser mordido pela serpente é poder ter a consciência ampliada.

A palavra “ofício”, etimologicamente derivada do latim, e resultante da junção dos vocábulos *opus* + *facere*, perfaz o sentido de “fazer a obra”, “fazer o trabalho”, “oficiar”. Encontramos na palavra “opus”, expressão de raiz etimológica frequente tanto na língua religiosa quanto na alquimia, vinculada ao sagrado e com significado de “obras”. Assim, o termo “ofício” usado na alquimia e posteriormente referindo-se ao trabalho analítico, reúne tanto sentidos de cultivar o solo, isso explica a metáfora do jardineiro; quanto a tarefa de cultivar a alma para que chegue ao conhecimento de si, por meio da reflexão e da possibilidade de se manifestar. Assim, como citado anteriormente, a análise pressupõe relação. Não uma relação qualquer, mas um tipo especial de relação e como Jung sabiamente afirmou: “Não há possibilidade de individuação no alto do Monte Everest onde você tem certeza de que ninguém irá importuná-lo. Individuação sempre quer dizer relacionamento”¹²⁷.

¹²⁷ JUNG, C. G. **The Visions Seminars**, Zurique: Spring, 1976, p. 506 *apud* Jacoby, p. 98.

Minha metáfora para o Temenos analítico é a de um forno que cozinha os afetos para assim poder transformá-los. É um local que necessita propiciar o calor na medida certa, proporcionando acolhimento, segurança e confiança. Uma vez, uma paciente teve um sonho em que ela estava fazendo pão e trouxe a massa para que eu pudesse observar o processo de crescimento. No caminho ela tomou chuva e a massa parou de crescer. Ficou triste, mas mesmo assim trouxe aquela massa toda molhada para a análise. Juntas, nós a amassamos novamente, deixamos crescer, e a colocamos para assar em um forno que possuía a porta de vidro. Do lado de fora nós duas observávamos o pão assando, ajoelhadas. Esta imagem me lembrou a do “O Ovo dos Filósofos”, em que juntos observam o processo, ajoelhados como o “*ora et labora*”; genuflexos em atitude de respeito diante ao processo de transformação psíquica para a secagem das invasões do inconsciente. O forno é semelhante ao útero, que envolve o processo de crescimento do feto, promovendo aconchego, afeto e segurança para que haja o desenvolvimento que necessita para posteriormente nascer para o que ele é em essência. É o que abarca, protege, nutre, e, dessa forma, assume uma configuração materna. É semelhante a um laboratório, um espaço que está a serviço da psique, capaz de promover um diálogo entre duas pessoas que estão frente a frente e principalmente o diálogo entre si, entre os aspectos conscientes e inconscientes, estabelecendo uma conversa interna. Neste espaço, paciente e analista vão poder estudar quais “lentes” este indivíduo tem usado para ver o mundo, compreendendo que, na maioria das vezes, estas lentes podem estar “embaçadas” por sua história pessoal, e isso atua diretamente, influenciando nas escolhas conscientes e inconscientes.



Fig. 16. O Ovo dos Filósofos. Mutus Liber. Prancha 02

O analista, assim como o alquimista, necessita separar os elementos quando percebe que estão num estado de fusão psíquica com os aspectos familiares, uma *participation mystique*¹²⁸, atuando nas distorções da história pessoal e familiar, influenciadas pelos complexos. Principalmente na segunda metade da vida, nossas lentes podem encontrar-se tão contaminadas, que chegam a parecer que nosso entendimento do mundo já não funciona bem. A psicopatologia parece vir como uma forma compensatória para que a psique perceba o que a alma quer; é uma forma de lidar com as expressões da alma, fazendo-a retomar ao que era em essência, e foi se perdendo pelos caminhos da vida, ou seja, faz com que retome seu processo de individuação. Dr. James Hollis¹²⁹ explica que muitas vezes fazemos um “contrato ingênuo com a vida”, pois assim acreditamos que se fizermos “a coisa certa” a vida será recíproca. E, ao percebermos a ingenuidade de nosso pensamento, desacreditamos tanto no Deus de fora quanto no deus

¹²⁸ Termo de Lévy- Bruhl que representa uma espécie de fusão psíquica.

¹²⁹ Em Conferência pública na cidade de Porto Alegre, em 09 de agosto de 2015, pelo IJRS.

que habita em nós, nosso centro regulador, o Self e somos invadidos por complexos, tanto pessoais quanto familiares e culturais que assombram nossas vidas. E, o diálogo produzido neste espaço deve esclarecer que “o passado não está morto, não é nem mesmo passado”¹³⁰. Para o analista mencionado, uma depressão estaria dizendo: “Nós aqui embaixo não gostamos do que está havendo aí em cima”, para exemplificar o quanto os aspectos inconscientes podem estar em discrepância com a consciência” e o diálogo analítico deve ser capaz de construir uma ponte entre eles, construir o eixo ego-self, ou seja, a função transcendente.

O analista, tal como um alquimista, necessita ter consciência da divisão de seu local de trabalho, seu temenos. Necessita da colaboração de sua Sórora, assim, sem o analisando não há processo. De um lado está o “laboratório”, local onde se realiza o trabalho, o labor, a arte da análise e, de outro, está o “oratório”, o local onde, ajoelhado, em postura de reverência aos conteúdos inconscientes, se roga à Deus a necessidade de iluminação e que pode ser visto na figura 11, denominada *ora et labora*; é a noção do “*Deo concedente*”, para que mantenha sempre a humildade perante o processo de análise e em presença do inconsciente. O vaso não representa apenas uma forma, mas algo que contém e proporciona a possibilidade de existir. É o útero que vai gerar o feto da alquimia. O labora, o trabalho, é o ego do analista que deve se fazer presente separando, traduzindo, contendo, ampliando, participando ativamente do processo para que o analisando possa dialogar e compreender seus aspectos inconscientes. São as trocas conscientes de aspectos de sua história de vida, seus componentes genéticos, sociais e até culturais adentrando ao temenos e participando ativamente do processo. O ora, do verbo orar, no sentido de se “dirigir” às forças e energias inconscientes, compreendendo sua importância e atuação direta no processo de secagem dos complexos que atuam, que dirigem o processo e governa, de forma autônoma, o comportamento do indivíduo. É o ego se engajando na busca de seu “Ba”, a alma, no sentido egípcio, portadora de sentido, pois os distúrbios nada mais são do que transtornos da “perda da alma”, e o analista seria, metaforicamente, uma espécie de xamã que tenta livrar o homem desta perda, da angústia sentida ao não ter um sentido e significado em sua vida. Esta é a misteriosa conjunção entre analista-paciente: o diálogo, a relação e o campo produzido entre ambos, gerando vida plena de sentido e significado.

O alquimista, tido por Adan von Bodenstein (apud Jung) como o “filósofo da natureza”... “chega às coisas da natureza não mediante a autoridade, mas por sua própria experiência”¹³¹, assim, o analista precisa cuidar do temenos, como um cuidadoso jardineiro cuida de seu jardim, trabalhando, estudando e desenvolvendo sua própria experiência, como o alquimista, para compreender o que acontece neste espaço sagrado. Desde o início de seu trabalho, Jung pode compreender que forças afetivas do inconsciente estarão atuando e serão liberadas no processo analítico como formas de projeções e enfatiza “a atitude do psicoterapeuta é infinitamente mais importante do que suas teorias e os métodos psicológicos”¹³².

¹³⁰ Idem.

¹³¹ JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. Vol. 13, §148.

¹³² JUNG, C. G. **Escritos Diversos**. Vol. 11/06, §537.

1.3 TRANSFERÊNCIA: MÚTUAS TRANSFORMAÇÕES

Rosemary Gordon (1993), analista Junguiana, em um artigo escrito para o *Journal of Analytical Psychology*, denomina a transferência como o “fulcro da análise”. Ela acredita que seja por meio do processo de transferência – um tipo específico de projeção – que somos capazes de conectar o paciente tanto com o seu passado, quanto com o seu futuro e, segundo a autora, construir “pontes” entre o aqui e agora, passado e futuro; entre as partes cindidas da psique, como afetos e funções racionais conscientes; aspectos sombrios rejeitados e valores morais da consciência; o mundo da fantasia e da realidade, entre outros. Eis o papel de Hermes na clínica Junguiana: construir ligações e pontes, e assim promover a integração da consciência, o *religere*.

Em seu livro *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, Jung enfatiza a Psicologia da Transferência. Para o autor, a transferência é o alfa e o ômega da terapia, mas não a panaceia; ponto de discordância entre ele e Freud, que, para este último, a interpretação da transferência seria uma condição *sine qua nom* para o processo psicanalítico. Neste texto Jung aborda o que ele denomina “a forma clássica” da transferência, sua fenomenologia e procura diferenciar sua forma de ver e trabalhar este processo, afirmando que o considera o “mais difícil para quem tem experiência em clínica psicoterapêutica”¹³³. Chega a acreditar que tanto o fracasso quanto o êxito do processo muito têm a ver com a transferência, sendo assim, esta não pode ser ignorada.

Em linhas gerais, Jung a considera um tipo de relação, e assim acredita que sempre pressuponha um “tu”, um outro. O autor recorreu a simbologia alquímica como imagem para explicar o processo de transferência, tal qual um exímio *Chef de cuisine*, acrescentou um ingrediente ímpar à teoria freudiana que desconsiderava os conteúdos coletivos de natureza arquetípica. Ele destacou as implicações dos aspectos arquetípicos como “essenciais” ao processo de transferência, sem os quais, acreditava que seria impossível “levar a cabo uma investigação objetiva da psique”¹³⁴. Tanto Jung quanto Marie-Louise von Franz em seu livro intitulado *Psicoterapia*, demonstram que o analista deva desenvolver uma atitude de respeito e de uma certa humildade com relação ao tema.

Gordon (1993) enfatiza que tanto Freud como Jung viram a transferência como uma espécie de projeção e posteriormente Fordham¹³⁵ complementa esta ideia definindo a transferência como “um tipo especial de relacionamento” e o apresenta como “projeção de partes *splitadas* ou não integradas do paciente sobre o analista”.



Fig. 17- Alquimista contaminado com os vapores do Opus

¹³³ JUNG, C G. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. OC vol. 16/2, §46 – Prólogo.

¹³⁴ Idem, §69 - **Nota de rodapé.**

¹³⁵ *Apud* Gordon.

Jacoby (2011), para diferenciar a transferência de outros tipos de projeções que ocorrem diariamente em vários contextos, explica que Jung resolveu utilizar esse termo técnico, para designar apenas as projeções que ocorram na relação analista-paciente. Jung enfatiza que os conteúdos projetados por meio da transferência dão ao analista a ideia precisa de quais áreas necessitem de um aumento de consciência. Isso também difere das ideias de Freud, que a via apenas como repetições de materiais reprimidos. Na relação dialética há uma possibilidade de que novos conteúdos surjam e sejam vivenciados, primeiramente na forma de projeção e, posteriormente se coloca a serviço do processo de individuação. Como no mito de Aquiles, que revela seu calcanhar como um ponto vulnerável; a transferência propicia ao analista uma referência para o que precisa ser conscientizado, tanto no conteúdo quanto na forma.

Para Jung¹³⁶, a formulação dialética que possibilite a confrontação de averiguações tanto do analista quanto do analisando é que constela o arquétipo da cura, apesar de o autor compreender e enfatizar que o papel da análise não seja o de propiciar a cura, mas sim a transformação da atitude consciente do paciente. Assim, ambos sistemas psíquicos se relacionam, como no diagrama abaixo

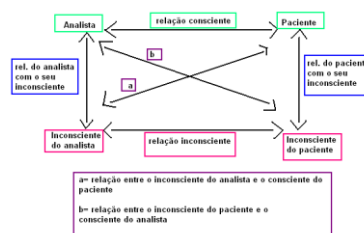


Fig.18 - Diagrama de JUNG (2011), GROESBECK (1983).

O modelo Junguiano do processo de transferência e contratransferência pode ser demonstrado pelo diagrama acima, que representa a complexidade do que ocorre na análise profunda. Há uma relação consciente (representada pela primeira linha), ente a consciência do analista e a consciência do paciente, mas ambos têm o seu lado inconsciente e, tanto o analista quanto o paciente mantêm, concomitante ao processo consciente, uma relação com seu próprio inconsciente, individualmente. Ou seja, o paciente expressa suas emoções para o analista e este, por meio da empatia (projeção ativa - segundo Jacoby (2011), abre caminho até a vida emocional do paciente através de seus sentimentos. O analista pode apresentar alguns sentimentos que emergem no processo, parecendo para o paciente como agradáveis ou rudes. O autor enfatiza que;

(..) todo o diagnóstico, assim como as interpretações e avaliações do material de P (paciente) são baseados nos sentimentos e percepções de A (analista). E aqui chegamos à questão capciosa: A realmente vê P sob uma luz adequada? As avaliações, expectativas e sentimentos de A correspondem à realidade psíquica de P, ou A projeta os conteúdos de

¹³⁶ JUNG, C. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. 13. ed. Vol. XVI/1 – Petrópolis: Vozes, 2011.

seu próprio inconsciente em P? (linha a). Quem decide sobre isso? (p. 40)¹³⁷.

Essa questão levou Jung a enfatizar e até exigir que o analista tenha passado por análise pessoal. Não, para que se reduza as projeções de ambas as partes - isso seria quase impossível – mas, para que o analista se torne mais consciente de seus conteúdos, seus complexos, suas fraquezas e pontos de vista pessoais, e o processo não pereça, assim como Aquiles, no campo de batalha, ao ignorar a vulnerabilidade de seu calcanhar, vindo a morrer exatamente por um ferimento neste local.

Jung nos adverte que é quase impossível diferenciar o “magma primordial”¹³⁸ que emana do caos primitivo do inconsciente do paciente, exercendo certo fascínio nele próprio e, com frequência sobre o analista. Inicialmente o alvo da projeção são os pais, e, posteriormente, após o rompimento da projeção e do vínculo, toda a carga destes conteúdos recaem sobre o analista, que deve se perguntar com frequência sobre o que fazer com tamanha projeção. Assim, as comunicações inconscientes entre analista-paciente devem ser observadas. Ocorre um processo dinâmico, dentro da transferência, que possibilitam as transformações, mas na prática, é muito difícil de ser trabalhado. Será algo comparável a um estado de *participation mystique*, termo do antropólogo Lévy-Brühl, utilizado para um tipo de relacionamento em que o sujeito tem dificuldade de se distinguir do objeto¹³⁹. A partir de 1912, Jung utiliza-se do termo para designar uma identificação projetiva, em que “o sujeito ou parte dele, obtém uma influência sobre o outro, ou vice-versa” e dessa forma, segundo Jacoby (2011), ocorre o que ele denomina “uma inconsciência mútua entre os dois parceiros”.

A ligação inconsciente pode indicar um estado de identificação projetiva, no conceito kleiniano, ou, negativamente uma fusão psíquica, que provocaria uma unidade dos dois indivíduos. O processo psicológico ao qual Melanie Klein (2016)¹⁴⁰ denomina “identificação projetiva” é um processo “normal”, tendo como base na empatia e na comunicação entre as pessoas. Consiste em um mecanismo pelo qual o sujeito assimila tanto um atributo, uma propriedade ou um aspecto de outra pessoa, e assim sofre uma influência total ou parcial desta, se tornando um modelo. Este objeto, primeiramente é a mãe, pois o processo mental no início, é vivenciado e simbolizado como uma operação corporal, presentes na incorporação e introjeção dos alimentos (o seio materno). Posteriormente, outros objetos podem ocupar este lugar, como o analista, no fenômeno da transferência. O que determina um distúrbio ou patologia deste processo é a frequência e a qualidade, pois, pode ser usado como defesa, quando o ego, tendo dificuldades em lidar com aspectos difíceis, como a sombra, por exemplo; pode expulsar de si os aspectos indesejados, e, identificar-se com o não projetado, provocando uma confusão de identidade, em que o sujeito pode ter dificuldade de se discriminar do objeto. Quando esse evento ocorre na análise, o paciente se torna parte do analista e vice-versa, tal qual na Bíblia: “torna-se uma só carne”¹⁴¹, provocando a perda temporária da identidade, que

¹³⁷ JACOBY, Mário. **O Encontro Analítico: transferência e Relacionamento Humano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

¹³⁸ JUNG, C. G. **Ab-reação, Análise dos Sonhos e Transferência**. §363.

¹³⁹ Dicionário Crítico de Análise Junguiana, **Participation Mystique**, 2015.

¹⁴⁰ *Apud* CRISTINA, R. **Psicanálise da Criança**.

¹⁴¹ Bíblia Sagrada: **Genesis** 2:24.

pode provocar sentimento de confusão em ambas as partes. Por outro lado, esse evento pode influenciar positivamente no processo analítico, dentro do que Jacoby (2011) denominou “contratransferência concordante”. No fenômeno descrito pelo autor, pode ocorrer o surgimento, no analista, de sentimentos, emoções, intuições ou pensamentos “que estão na mente do paciente e que ele talvez não consiga expressar naquele momento”¹⁴². Pode ser compreendido como um incidente sincronístico, pois propicia um maior entendimento para o analista sobre o mundo interno de seu analisando.

Gordon (1993) utiliza-se das ideias de Martin Buber¹⁴³ para designar que há duas atitudes primárias que podem ser expressas nas combinações de palavras: Eu/Isso e Eu/Você, para refletir sobre o relacionamento humano. Segundo essa ideia, relacionamentos Eu/Isso podem pressupor sempre deixar algo de fora, ou seja, “nunca pode ser expresso com o ser inteiro”. Já, a atitude Eu/Você, envolve uma relação genuína. Ou seja, “Eu, na minha própria totalidade, estou me relacionando com Você na sua própria totalidade. Conscientemente posso ter a atitude de deixar a outra pessoa viver em seu próprio direito e não fazer dele um objeto para meus próprios propósitos”¹⁴⁴. Gordon acredita que a elaboração da transferência na análise deve ser capaz de levar a transformação do analisando, uma vez que modifica a relação Eu/Isso, transformando-a na relação Eu/Você. Para a autora, na transferência o Você (na figura do analista) - compreendido como uma totalidade, um ser único - quase não existe. O analista pode ser, para o analisando, o portador de suas projeções da realidade psíquica, ou seja, de suas necessidades, medos, desejos e fantasias, e pode ser percebido como parte de si mesmo, criando uma série de distorções da realidade. O analista pode ser vivenciado como pai afetivo, juiz, sombra odiada, redentor e até mesmo um deus onipotente por meio da relação transferencial, dependendo do conteúdo projetado por meio da identificação projetiva, o qual passa a ser tratado como se fosse tal objeto. Tal comportamento provoca sentimentos de acordo com o tipo de projeção e a fantasia, inconscientemente projetada. Para Jacoby (2011) há uma necessidade imperiosa de ser receptivo a tais conteúdos, reconhece-los, conscientemente, não necessitando, portanto, se falar dela, sobre ela ou ainda interpretá-la; segundo o autor, “basta vivê-la”¹⁴⁵. Tal como o Xamã, cuja tarefa consiste em assistir os partos da alma, o analista necessita cuidar de seus pacientes, assistindo-os silenciosamente no exato momento de ampliação de consciência, uma vez que cada passagem para um nível mais profundo de consciência, é semelhante a um nascimento, talvez isso que Sócrates denominava o “parto das ideias”.

Para Groesbeck (1983), a verdadeira cura só advém quando o paciente entra em contato com o seu “curador interno” e estabelece com ele uma conexão. Isso só acontece com a retirada das projeções sobre a persona do analista. Para tanto, necessário se faz que o analista tenha consciência de seu próprio lado ferido. Hillman (1984), afirma que quanto mais inconsciente o analista for de seus conteúdos, mais sofre a influência de alguns

¹⁴² JACOBY, Mário. **O Encontro Analítico: transferência e Relacionamento Humano**. RJ: Vozes, 2011, p. 57.

¹⁴³ *Apud* Jacoby, 2011, p. 89.

¹⁴⁴ JACOBY, Mário. **O Encontro Analítico: transferência e Relacionamento Humano**. RJ: Vozes, 2011, p.91.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 110.

arquétipos, que podem constelar no processo analítico. Cita como exemplos o arquétipo do pai-filho, a imagem arquetípica de Cristo, a necessidade de fama e poder, a vocação para a atividade científica se esquecendo a pessoa que o revela, entre outros.

“O coração de um sábio o inclina para a direita, mas o de um tolo o inclina para a esquerda” (Eclesiastes 10, 2). “(...) deixe-o tornar-se tolo, que ele poderá tornar-se sábio” (1º Coríntios 3,18). Estas palavras podem ser utilizadas como analogia, demonstrando as interferências da consciência para o processo analítico. Para o autor supracitado, este encontro é algo complexo e algumas influências podem provocar empecilhos para a eficácia do processo analítico. As influências que advêm da consciência já podem ser consideradas o primeiro bloqueio, pois poderá até impedir o desenvolvimento. E o “lado tolo”, ou seja, inconsciente, é que deverá guiar o processo.

Num encontro terapêutico o outro poderá servir a qualquer uma destas necessidades. É por isso que sua terapia começa com a minha, com o despertar de minha consciência para as várias imagens arquetípicas que me rondam e tentam encaixar o outro num papel no qual ele talvez não esteja destinado. Pois se eu for o pai, ele terá que ser meu filho; se eu tiver que curar, ele terá que estar doente; e se por acaso, eu for um iluminado, só poderei entendê-lo como alguém perdido na escuridão (HILLMAN, 1984, p. 16).

Hillman (1984) cita ainda outros obstáculos para o processo analítico e o maior deles é a curiosidade. O analisando pode se sentir como um objeto de pesquisa, e não como um ser humano. A curiosidade destrói a confiança que o analisando tinha em relação ao analista.

E, para Jung (2011), o núcleo da transferência é o vínculo humano e desta forma lança um olhar arquetípico para este processo, pois, para o arquétipo se expressar, precisa primeiramente se humanizar.

1.4 CONTRATRANSFERÊNCIA

O processo da contratransferência basicamente tem a mesma estrutura descrita no mecanismo da transferência, mas em direção oposta, ou seja, como são “pontes”¹⁴⁶ construídas entre analista e analisando e então podemos ir e vir sobre elas, ou seja, podem assumir a dupla direção, e focar a natureza e a qualidade do envolvimento do analista. Este fenômeno foi descrito por Jung (2011)¹⁴⁷ como um tipo de projeção provocada pela transferência, assim sendo, “toda projeção provoca um tipo de contra projeção”, e também pode ser observado na descrição das imagens do *Rosarium Philosophorum*, somente em sentido contrário.

Rosemary Gordon (1993), denomina a contratransferência como uma parceria entre Eros e Ágape, termos grego-teológicos que denotam formas diferentes de amor, que podem propiciar uma unidade entre analista e paciente, no processo dialético da análise e provocar a transformação. A análise recebe estas comunicações inconscientes e o analista

¹⁴⁶ Referindo-se ao termo de Rosemary Gordon, 1993.

¹⁴⁷ JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**. Op. cit., §163.

vivência, nele mesmo, emoções e sentimentos, que precisam se manter conectados à consciência, para que ele seja capaz de propiciar a segurança, proteção e equilíbrio para o paciente. Ele experimenta uma forma de “diálise”¹⁴⁸, para indicar o que o analista sente e vive em sua psique, o que o paciente ainda não consegue suportar, para depois, no decorrer do processo, possa ir reintegrando ao paciente. Caso o analista não seja capaz de suportar a dor, desprendendo o sacrifício de se manter consciente de que é um conteúdo do ilusório e fantasioso do paciente, pode entrar em *participation mystique*, se fundindo psiquicamente a ele, não mais discriminando entre sujeito e objeto. Rosemary Gordon (1993) denomina este processo de “buraco negro”, uma inconsciência que traga a dupla, podendo levar a um *acting out*, ou atuação e assim, o processo se perde, “joga-se a criança com a água do banho”¹⁴⁹.

A forma que Jung se utilizou para nos explicar como a contratransferência foi experienciada pelo analista, baseada na antiga ideia da “transmissão de uma enfermidade a uma pessoa sadia”, ou seja, uma espécie de contaminação psíquica pelos vapores da análise¹⁵⁰, alquimicamente falando. A análise, sendo um processo dialético, e definido por Jung como “o envolvimento entre duas pessoas inteiras”¹⁵¹, sofre a atuação de fatores irracionais, que provoca as mútuas transformações. Jung via essa “contaminação” como inevitável. Para tanto enfatiza que o analista deva aceitar a ocorrência do fato e procurar “estar o mais consciente dele possível”¹⁵². Jacoby (2011) cita o trabalho de Heinrich Racker, em 1968, muito parecido com a visão de Jung. Para Racker:

(...) Na situação analítica, duas pessoas estão envolvidas – cada qual com uma parte neurótica e uma parte saudável, com um passado e um presente e com uma relação com a realidade e com a fantasia. Cada uma é tanto um adulto quanto uma criança, tendo sentimentos em relação ao outro, iguais aos de uma criança em relação aos pais ou dos pais em relação à criança¹⁵³.

Hillman (1984) nos adverte que “na análise, a contratransferência já se encontra ativada antes mesmo de a transferência chegar a iniciar-se”¹⁵⁴. Assim Jung recomenda que o analista se submeta a análise pessoal para aprender discriminar estes fenômenos, conhecendo seus próprios personagens internos, obtendo assim, a proteção da consciência de si, e para diminuir a contaminação psíquica própria do *Temenos*. Quando o elemento da contratransferência surgir, o analista necessita antes de tudo “perceber, consertar, voltar atrás, reconhecer que errou, e aí é em benefício do paciente que (...) é preciso expor a contratransferência, que se tornou prejudicial para o paciente”. É necessário ter humildade para que o analista reconheça os seus personagens: “suas falas, sentimentos, memórias, evocações, impulsos que alimentam a conversa”, evocados pelo *setting*

¹⁴⁸ Termo de Gambini, (2008).

¹⁴⁹ Expressão de Jung.

¹⁵⁰ Conforme Figura 16 deste trabalho.

¹⁵¹ Idem, §1, 544.

¹⁵² Idem, p. 54.

¹⁵³ JACOBY, Mário. **O Encontro Analítico: transferência e Relacionamento Humano**. RJ: Vozes, 2011, p. 54.

¹⁵⁴ HILLMAN, James. **Uma Busca Interior em Psicologia e Religião**. Coleção Amor e psique. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 12.

terapêutico e trazidos, dos mais profundos recônditos da alma, para atuar no temenos. Eles estão presentes a cada sessão, participando do campo analítico, instigando a ações.

Esta é a trama do tecido sutil que é a psique, constelada no Temenos, no campo terapêutico. É necessário estar atento para se perceber a delicadeza da disposição das imagens internas e externas, compreendendo que a troca, o diálogo entre as estruturas e personagens é necessária para que ocorra a transformação, e conseqüentemente a ampliação da consciência de ambos envolvidos na dialética. O analista necessita estar vigilante para separar o “joio do trigo”¹⁵⁵, como assim explicado na parábola, ou seja, é imperioso que se tenha um pouco de discernimento, procurando abstrair o que é do paciente e o que é do analista, e é o *lógos* que separa, discrimina, elucida e amplia, tanto para si como para o outro.

O analista necessita estar atento às suas reações emocionais, aos seus sentimentos, em relação ao paciente e ao processo. Ele frequentemente deve se questionar sobre o que sentia antes do paciente chegar; O que ocorria consigo durante a sessão; Se apresentou algum tipo de ansiedade, expectativa ou até mesmo o desejo de compartilhar alguma vivência ou experiência própria; Deve se perguntar se, no processo está ocorrendo a constelação de alguma figura parental, seja ela materna ou paterna.

Jacoby (2011) explica que o analista, muitas vezes se sente inconsciente demais com a sua contratransferência, para poder se perguntar o que ela poderia significar para o processo analítico. Ele afirma: “Geralmente, é um complexo não reconhecido que nos atrai para uma situação de contratransferência delirante”¹⁵⁶. Para a autora, há uma verticalidade nesta relação e complementa: “A transferência é sempre parcialmente ilusória, uma vez que a fantasia está envolvida, o que pode alterar a ‘realidade’ ou, pelo menos, dar-lhe um certo colorido”.

Jacoby (2011) estabelece que se a transferência não for nem delirante e nem ilusória, representará uma ferramenta útil ao processo de análise que deverá ser utilizada de forma produtiva. A sensibilidade que o analista desenvolve, a percepção, o *feeling*, pode ser um:

(...) ‘instrumento’ com o qual ele pode detectar o que o paciente espera, e em que papel ele necessita, inconscientemente, vivenciar o analista. Isto leva também a uma consciência da natureza da contratransferência, que pode, ao mesmo tempo, falsificar a situação; e, até certo grau, a capacidade para diferenciar, que é, certamente, o mais importante instrumento que o analista precisa ter (p. 121).

Para o autor supracitado a ênfase também está no relacionamento humano, na liberdade para reagir frente ao encontro analítico, de forma única, sem técnicas pré-estabelecidas ou regras. Por um lado, estes fatores podem representar uma libertação, mas podem constelar a outra polaridade, ou seja, os perigos de não se tornar claro e consciente os motivos inconscientes que suscitaram a transferência e a contratransferência. Como já mencionei, não há necessidade da interpretação da transferência e contratransferência, mas sim da elucidação do processo a fim de encontrar e manter o ponto de vista para que

¹⁵⁵ Mateus 13:24-30.

¹⁵⁶ JACOBY, Mário. **O Encontro Analítico: transferência e Relacionamento Humano**. RJ: Vozes, 2011, p. 86.

se torne terapêutico e propicie ampliação de consciência. Algumas vezes o próprio paciente traz para o temenos o tema que deve ser abordado, quer por meio de seus sonhos, ou ainda por meio de seus relatos, quando afirma ter lembrado do analista em algum evento cotidiano. Podemos levantar a hipótese de contratransferência, e a análise o leva a trabalhar com sua própria transferência, na presença do analista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise, proporciona um espaço, um tempo do presente, do momento oportuno, ou seja, *Kairós*, promovendo um movimento entre os opostos: ego e Self à fim de permitir a diferenciação, para posterior integração, num eterno *solve et coagula*. Segundo Sanchez¹⁵⁷, “*Kairós* é um deus não olímpico, deus do momento oportuno que faz nascer o sentido, não tem rosto nem história, emprestando-nos o seu vazio, para cada um que a ele recorre”. “*Kairós* é o tempo da sincronidade, (...) aponta para o novo, para a reconstrução”. Finalizo com as palavras de Santo Agostinho, em suas “Confissões”: “Fazei de vos mesmos uma unidade”, e a prática analítica pode propiciar este reencontro com as partes cindidas da psique, aproximando as partes cindidas, construindo pontes, rompendo fronteiras entre a psique objetiva e a consciencia.

¹⁵⁷ SANCHEZ, Maria de Lourdes Bairão. **Tempo Analítico, Tempo de Presentificação.**